



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

FRANCINEIDE BRAGA BEZERRA

**AS INFLUÊNCIAS DO BULLYING ESCOLAR FRENTE AOS
PROCESSOS DE ENSINAR E APRENDER NOS ANOS FINAIS DO
ENSINO FUNDAMENTAL**

CAJAZEIRAS-PB

2018

FRANCINEIDE BRAGA BEZERRA

**AS INFLUÊNCIAS DO BULLYING ESCOLAR FRENTE AOS
PROCESSOS DE ENSINAR E APRENDER NOS ANOS FINAIS DO
ENSINO FUNDAMENTAL**

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura em Pedagogia do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Graduação em Pedagogia, Licenciatura.

Orientadora: Prof^ª. Ma. Belijane Marques Feitosa
Coorientador: Prof. Me. Danilo de Sousa Cezário

CAJAZEIRAS-PB

2018

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)
Josivan Coêlho dos Santos Vasconcelos - Bibliotecário CRB/15-764
Cajazeiras – Paraíba

B574i Bezerra, Francineide Braga.
As influências do bullying escolar frente aos processos de ensinar e aprender nos anos finais do ensino fundamental / Francineide Braga Bezerra. - Cajazeiras, 2018.
74f.
Bibliografia.

Orientadora: Profa. Ma. Belijane Marques Feitosa.
Coorientador: Prof. Me. Danilo de Sousa Cezário.
Monografia (Licenciatura em Pedagogia) UFCG/CFP, 2018.

1. Bullying. 2. Ensino Fundamental. 3. Aprendizagem. 4. Sensibilização. 5. Desenvolvimento. I. Feitosa, Belijane Marques. II. Cezário, Danilo de Sousa. III. Universidade Federal de Campina Grande. IV. Centro de Formação de Professores. V. Título.

UFCG/CFP/BS

CDU- 37.06

FRANCINEIDE BRAGA BEZERRA

AS INFLUÊNCIAS DO BULLYING ESCOLAR FRENTE AOS PROCESSOS DE
ENSINAR E APRENDER NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Monografia apresentada no curso de
Licenciatura em Pedagogia do Centro de
Formação de Professores da Universidade
Federal de Campina Grande, como requisito
parcial para obtenção do título de Graduação
em Pedagogia.

Aprovado em: 17/07/2018

BANCA EXAMINADORA

Belijane Marques Feitosa

Prof. Ma. Belijane Marques Feitosa
UFPG/CFP/UAE
Orientadora

Danilo de Sousa Cezario

Prof. Me. Danilo de Sousa Cezario
UEPB/CEDUC
Coorientador

Josane Abílio de Sousa Ferreira

Prof. Dr. Josane Abílio de Sousa Ferreira UFPG/CFP
Examinadora Titular

David Luiz R. de Almeida

Prof. Me. David Luiz Rodrigues de Almeida
UFPG/CFP/UAE
Examinador Titular

CAJAZEIRAS-PB
2018

Dedico à minha família pelo apoio e incentivo nesse trabalho, em especial aos meus pais, meu irmão, minhas primas Lucineide e Lineide e ao meu esposo Artur, por contribuir para enfrentar a árdua caminhada rumo à concretização desse sonho.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ser minha fonte de inspiração em todos os momentos de minha vida, e por me proporcionar fé, coragem, sabedoria, discernimento e perseverança para enfrentar com determinação todo o trajeto acadêmico de dificuldades e ao mesmo tempo de conquistas por novos saberes imprescindíveis para a minha construção pessoal e profissional.

A minha orientadora, a Professora Mestra Belijane Marques Feitosa, que tanto contribuiu para que este trabalho fosse concluído com êxito. Pela paciência, compreensão e os inúmeros conhecimentos perpassados durante as orientações.

De modo especial, ao meu coorientador, o professor Mestre Danilo de Sousa Cezário, agradeço imensamente a sua colaboração, esforço, dedicação, atenção e disponibilidade sempre que precisei. Suas contribuições foram significativas para o êxito deste trabalho.

A todos os professores UAE/CFP/UFCEG que contribuíram diretamente para o meu sucesso acadêmico, compartilhando saberes e valores éticos essenciais a prática docente, mostrando-me a magnitude da palavra educação para o ser humano.

Aos colegas de curso, pelas experiências compartilhadas, oportunizando assim uma formação que prima pela qualidade do ensino e a incessante busca por saberes diversificados.

E em especial as minhas amigas de turma Paloma, Anglidimogean, Nayara, Marta e Erika, que me auxiliaram no percurso acadêmico durante os quatro anos e meios com suas palavras de estímulo, carinho, companheirismo, compreensão, compartilhando comigo momentos árduos e de alegrias, tornando essa caminhada gratificante.

Aos professores e alunos, pelo oportuno e gratificante acolhimento e permissão de conhecer a dinâmica de suas vivências e experiências partilhadas no cotidiano escolar, cuja pesquisa não se realizaria se não fosse por suas relevantes contribuições.

A todos/as os que colaboraram direta ou indiretamente deixo aqui o meu agradecimento!

“Educar para o convívio harmonioso entre as diversidades é obrigação de todas as instituições de ensino. O despreparo e o preconceito dos adultos no ambiente escolar e /ou familiar tendem a perpetuar e agravar o problema, além de contribuir para a ocorrência de suas cruéis e indesejáveis consequência”.

(Silva, 2010, p. 149)

RESUMO

O presente estudo versa discutir sobre um tipo de fenômeno bem recorrente na sociedade atual e, em maior evidência, no âmbito escolar, o *Bullying*. É um ato que cada vez mais está sendo discutido em formações e reuniões de conselhos, porém, o ato em alguns casos, acaba permanecendo indiferente por acreditar serem apenas “brincadeiras de crianças”. Questionando-se sobre as consequências do *bullying* nos processos de ensino e aprendizagem nos Anos Finais do Ensino Fundamental, passou-se a compreender que o *bullying* é um fenômeno de comportamento agressivo expressado por diversas maneiras, em outras palavras, englobando ações intencionais e repetidas adotado por um ou mais discente contra outros incapazes de se defender fomentando sofrimento e angústia às vítimas. Partimos do pressuposto que a escola precisa propiciar um ambiente de estudos, como também, um espaço favorável a interação, socialização e desenvolver elementos de cidadania. A proposta metodológica firmou-se numa abordagem qualitativa, buscamos compreender as influências do fenômeno *bullying* no processo de aprendizagem dos discentes nos Anos Finais do Ensino Fundamental de uma Instituição de Ensino Pública. Para o desenvolvimento da pesquisa, adotamos a pesquisa de campo com a entrevista semiestruturada para a obtenção de dados, aplicada com professores do 6º ao 9º ano dos Anos Finais do Ensino Fundamental. Os resultados apontam que o *bullying* é uma realidade inegável nas entidades de ensino, em que os envolvidos são vítimas de agressões, seja física e/ou moral, necessitando de auxílio para superar os conflitos que tanto causam impactos no desenvolvimento escolar. Ao mesmo tempo em que se procurou apontar a relevância do estudo em questão, buscou-se destacar a sensibilização da escola sobre a relevância de elaborar projetos para trabalhar o fenômeno *bullying*, estabelecendo atitudes comprometidas com o desenvolvimento integral da criança, por meio de um ambiente de aprendizagem mais acolhedor, compreensivo e que respeite as diferenças existentes. Assim, o *bullying* não é brincadeira, é algo sério, que machuca, agride, humilha e pode ocasionar o suicídio.

Palavras-chave: Bullying. Ensino Fundamental. Aprendizagem. Sensibilização. Desenvolvimento.

ABSTRACT

This study discusses a phenomenon that is very recurrent in today's society and, more frequently, in school context, Bullying. It is an act that is increasingly being discussed in formations and council meetings, however, this act in some cases ends up receiving an indifferent treatment because it is only seen as "children's play". Questioning about the consequences of bullying in the teaching and learning process of Elementary School Final Years, we began to understand that bullying is a phenomenon of aggressive behavior expressed in different ways, in other words, encompassing intentional and repeated actions adopted by one or more students against others incapable of defending themselves by fomenting suffering and anguish for the victims. We start from the assumption that school must provide an environment of studies, as well as a favorable space to interaction, socialization and develop elements of citizenship. Our methodological proposal was based on a qualitative approach, we sought to understand what influences bullying phenomenon had on learning process of students in the Final Years of Elementary Education of a Public Education Institution. For research development, we adopted the field research with the semistructured interview to obtain data, applied among 6th grade teachers of Elementary School Final Years. Results indicate that bullying is an undeniable reality in educational institutions, in which those involved are victims of physical and / or moral aggression, needing help to overcome the conflicts that cause so much impact on school development. At the same time, we sought to highlight the relevance of the study in question, it was aimed to emphasize school's awareness of the relevance of elaborating projects to work on bullying phenomenon, establishing attitudes committed to the child integral development, through a environment that is more welcoming, understanding and respectful of existing differences. Thus, bullying is not a joke, it is something serious, it hurts, it attacks, humiliates and it can cause suicide.

Keywords: Bullying. Elementary School. Learning. Awareness. Development.

LISTA DE SIGLAS

ABRAPIA	Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
LDB	Lei de Diretrizes e Bases

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. VIOLÊNCIA ESCOLAR: MANIFESTAÇÕES QUE PERPASSA MUROS	13
1.1 DISCUTINDO O CONCEITO DE VIOLÊNCIA ESCOLAR.....	13
1.2 CONTEXTO HISTÓRICO DO <i>BULLYING</i>	15
1.3 O QUE É O FENÔMENO BULLYING	19
2. BULLYING NA ESCOLA: UMA REALIDADE COTIDIANA	27
2.1 O PAPEL DA ESCOLA FRENTE ÀS PRÁTICAS DE BULLYING	27
2.2 POSTURA DO DOCENTE DIANTE DE SITUAÇÕES DO BULLYING EM SALA DE AULA.....	31
2.3 IMPACTOS DO BULLYING NA APRENDIZAGEM DOS ALUNOS	35
2.4 MEDIDAS DE PREVENÇÃO AO BULLYING INSTITUCIONAL: DESAFIOS E POSSIBILIDADES NO AMBIENTE FORMATIVO	38
3 PERCURSO METODOLÓGICO	41
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES DA PESQUISA: REFLETINDO O BULLYING ESCOLAR.....	47
4.1 ENTREVISTA COM PROFESSORES	47
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	57
REFERÊNCIAS	60
APÊNDICES.....	65
ANEXOS.....	68

INTRODUÇÃO

Este trabalho aborda uma discussão sobre o fenômeno *bullying* e suas consequências, como algo que se encontra intrinsecamente vinculado ao contexto social, econômico e cultural das pessoas. Dá-se mediante as diversas manifestações que ocorrem nos âmbitos institucionais interligados tanto aos problemas internos como externos da vivência escolar. Tem como objetivo geral discutir as problemáticas e influências que o *bullying* pode causar nos processos de ensino e aprendizagem nos Anos Finais do Ensino Fundamental e, como objetivos específicos, conhecer o processo histórico do *bullying* e suas implicações para a educação; identificar as interferências do *bullying* na aprendizagem do discente; averiguar as estratégias utilizadas pela unidade escolar para combater o fenômeno *bullying* e mapear as formas que o *bullying* se manifesta no contexto escolar.

A motivação do estudo emergiu a partir de um debate acerca da temática no terceiro período, na disciplina Historia da Educação II, na qual se alavancou questionamentos diante da forma de como o *bullying* vem sendo enfatizado nos espaços internos e externos da ambiência formativa. Isso se deve ao fato de que muitos profissionais desconhecem - por falta de informações - acerca do fenômeno que passam associar as atitudes de violência praticada a uma simples “brincadeira” de alunos. No entanto, nota-se como algo sério que está introjetado na sociedade atual, que ocasiona impactos na aprendizagem do educando e, até mesmo, problemas de saúde, necessitando de um olhar sensível e crítico por parte da unidade escolar.

Diante das situações do cotidiano escolar, salienta-se premência sublinhar a importância do fenômeno que sempre fez parte do meio social, porém não tendo visibilidade pelos educadores os aspectos relacionados ao *bullying*. Partindo dessas ponderações surge a seguinte problemática de indagação: Quais as consequências do *bullying* nos processos de ensino e aprendizagem nos Anos Finais do Ensino Fundamental? Partimos do pressuposto que a escola precisa propiciar um ambiente de ensinar e aprender, como também, um espaço favorável a interação, socialização e desenvolver elementos de cidadania

Levando em consideração que o espaço escolar desempenha a função de ensinar e aprimorar saberes ao educando e como tal, é substancial atentar-se para os possíveis malefícios que o *bullying* pode causar neste cenário, para que este processo seja oportuno à troca de experiências de modo a promover o desenvolvimento pleno da criança. É por meio das relações sociais que esta se constrói e desenvolve suas capacidades e habilidades.

Nessa perspectiva, à medida que os profissionais passam a diagnosticar os fatores determinantes do *bullying* na escola, aumenta a possibilidade de conquistar um nível satisfatório no aprendizado do educando. Ensejando, ainda, o pleno progresso diariamente da criança e seu preparo aos aspectos de cidadania conferindo maiores vantagens ao que se refere aos potenciais intelectuais, afetivos e sociais.

O *bullying* encontra-se presente no espaço educativo, em muito dos casos por não ter profissionais capacitados para identificá-lo, onde muitas vezes o que fazem é reforçá-lo, e assim, percebem-se suas implicações na aprendizagem do aluno, trazendo consigo o baixo rendimento escolar e o insucesso escolar.

A proposta metodológica firmou-se numa abordagem qualitativa com o desígnio de enraizar conhecimentos acerca do *bullying* escolar. Buscamos compreender o objeto de estudo: Anos Finais do Ensino Fundamental para entendemos as influências do fenômeno *bullying* no processo de aprendizagem dos discentes em uma Instituição de Ensino Fundamental. Para o desenvolvimento da pesquisa adotamos a pesquisa de campo com entrevista semiestruturada para a obtenção de dados, aplicada com 4 professoras do 6º ao 9º ano dos Anos Finais do Ensino Fundamental de uma escola municipal da cidade de Nazarezinho-PB.

Na busca por contribuir com uma educação qualificada e por sensibilizar a comunidade escolar em relação ao problema do *bullying* e suas influências no processo de ensino, surgindo assim à inquietação por esta temática que ainda tem muitas contribuições com os elementos de ressignificação do ato de ensinar e aprender.

A contribuição do aprofundamento das reflexões sobre *bullying* escolar, esclarecendo tal fenômeno, para os profissionais da educação, pais, discentes e toda a comunidade escolar e ainda destacando alternativas de trabalho com todos os envolvidos para evitar que o fenômeno se propague e possa propiciar o desenvolvimento do educando. Diante dos aspectos abordados, evidencia-se que para a obtenção de resultados satisfatórios, exige a presença de profissionais no espaço educativo qualificado e em permanente formação continuada para que saibam ressignificar as ações escolares mediante um constante processo reflexivo no fazer pedagógico.

Justificam-se então muitos fatores que contribuem para que este fenômeno ocorra no espaço formal de maneira negativa. Essas situações repercutem na aprendizagem e na qualidade do ensino, promovendo mecanismos e condições insuficientes ao sucesso escolar do aluno em instituições de Anos Finais do Ensino Fundamental. Diante disso, é

imprescindível que a unidade escolar transforme esse cenário em um ambiente privilegiado a construção de uma nova realidade, na qual haja a valorização do ser humano.

Nesse sentido, se faz indispensável analisar as principais propagações por parte dos profissionais da educação que o fenômeno *bullying* provoca nos processos de ensino e aprendizagem, vislumbrando uma educação pautada no incentivo ao respeito entre os partícipes e na construção de um processo formativo atento aos resquícios do *bullying*, norteadas por uma visão emancipatória dos sujeitos. Sendo eminente repensar a formação de docentes, refletindo se estes recebem subsídios suficientes para atuar nessa nova conjuntura que é imposta aos educadores como desafio.

Este trabalho monográfico está dividido em quatro capítulos. O 1º capítulo apresenta inicialmente a violência que se encontra inserida no meio social e escolar, o contexto histórico do *bullying* escolar e o conceito do *bullying* tendo como base alguns teóricos: Pereira (2002), Sposito (2004), Constantini (2004), Neto (2005), Fante (2005), Silva (2006), Nogueira (2007), Chalita (2008), Rolim (2008), Melo (2010), Elias (2011), Meotti; Pericoli (2013), Resende (2017).

O 2º capítulo apresenta a postura do educador diante das práticas de *bullying* na sala de aula, os principais impactos do *bullying* na aprendizagem dos alunos e traz ainda as medidas preventivas que podem ser adotadas pela unidade educativa para minimizar esse fenômeno tomando como embasamento teórico as pesquisas que provêm principalmente das produções de: Freire (1996), Fernandes (2001), Abramovay e Rua (2003), Guareschi (2008), Rosa (2010), Galvão (2010), Teixeira (2011).

O 3º capítulo trata sobre os procedimentos metodológicos que norteiam o presente estudo do tipo descritivo das atividades humanas de natureza qualitativa à luz do referencial teórico dos seguintes autores: Bardin (1977), Godoy (1995), González (1999), Demo (2000), Minayo (2000), Lakatos; Marconi (2003), Gil (2007), Oliveira (2010) Prodanov; Freitas, (2013).

O 4º capítulo apresenta os resultados com a análise de dados discutidos criticamente para se compreender seus significados.

1. VIOLÊNCIA ESCOLAR: MANIFESTAÇÕES QUE PERPASSA MUROS

A sociedade vive constantemente um intenso processo de transformações, as quais se dão de forma positiva ou negativa para a construção do ser humano. Na qual a violência tornou-se um fator presente cotidianamente, um dos maiores desafios à humanidade nos dias atuais que percebemos ser a extinção das principais causas que ameaçam a construção de um espaço harmônico em todos os segmentos sociais.

Vivemos em um ambiente contaminado pela a violência, a qual ocorre de várias formas e em diversos espaços, sem existir distinção de classe social. Nogueira (2007, p. 17) aponta que a violência “[...] é um dos eternos problemas da teoria social e da prática política e relacional da humanidade. Não se conhece nenhuma sociedade em que a violência não tenha estado e esteja presente”.

De acordo com Nogueira (2007) etimologicamente a palavra violência vem do termo latino *violentia* (força, caráter bravio ou violento) e ao verbo *violare* (transgredir, profanar, tratar com violência). Tais termos devem ser referidos a raiz “vis” que significa força, vigor, potência, violência, emprego de força física, mas também quantidade, abundância, essência de alguma coisa.

Podemos definir a violência como uma atitude que provoca danos a vida de outras pessoas, negando ao outro a sua integridade física ou psicológica, a autonomia ou ainda o direito de viver plenamente (CANDAUI; LUCINDA; NASCIMENTO, 1999). Nesse sentido, é necessário interpretá-la para que desse modo sejam analisadas e compreendidas adequadamente as causas e consequências que geram condutas violentas presente em vários espaços de interação social.

1.1 DISCUTINDO O CONCEITO DE VIOLÊNCIA ESCOLAR

A discussão sobre a violência nas escolas adquiriu grande importância nos últimos anos, passando a ter caráter de mobilização em diversos setores da sociedade. “Mas, para o sociólogo francês Bernard Charlot, desde o século XIX há relatos de violência na escola. O que mudou foi sua forma de manifestação” (SOUZA, 2010, p. 8).

Diante disso, o cenário educativo como instituição integrante desta, apresenta-se também afetada por este problema social que é realmente preocupante. Em concordância com Silva (2006), a violência nesse espaço contemporâneo pode ser concebida um fato que se expande com intensidade. E, nesse sentido, influencia o processo educacional no que se

referem à estrutura institucional, às práticas desenvolvidas e posteriormente, às relações criadas nesse ambiente formativo.

A dimensão da violência no ambiente escolar atinge professores, funcionários e na maioria dos casos os alunos. Em virtude disso exige a premência do reconhecimento e aprofundamento acerca da violência no âmbito escolar e o contexto que a possibilita, assim

A análise das causas e das relações que geram condutas violentas no interior da instituição escolar impõe alguns desafios aos pesquisadores e profissionais do ensino, pois demanda tanto o reconhecimento da especificidade das situações como a compreensão de processos mais abrangentes que produzem a violência como um componente da vida social e das instituições, em especial da escola, na sociedade contemporânea (SPOSITO, 2004, p.163).

A complexidade deste problema cresce frequentemente nas unidades escolares corroborando de maneira negativa no aprendizado dos educandos, trazendo consigo perdas significativas para o sucesso escolar, uma vez que, interfere diretamente no rendimento nesse espaço. Logo, requer esforços dos profissionais da educação em diagnosticar as possíveis manifestações que possam vir a surgir, bem como adotar procedimentos propícios a sua prevenção.

Para Sposito (1998), a violência no âmbito escolar se desenvolve por meio de aspectos abrangentes que ainda são fenômenos desconhecidos, necessitando de análises e estudos aprofundados acerca do assunto. A violência não é algo novo. Historicamente inúmeras guerras foram “travadas”, “perdidas” e “ganhadas” no ambiente escolar e ela também existia, porém não se tinha uma ampla visibilidade como nos últimos tempos.

Assim, é perceptível ao perpassar da história que:

A violência acomete o mundo contemporâneo em todas as suas instâncias e se manifesta de variadas formas. Ela está presente em toda sociedade e não se restringe a determinados espaços, a determinadas classes sociais, a determinadas faixas etárias ou a determinadas épocas. Ela é um dos eternos problemas da teoria social e da prática política e relacional da humanidade. Não se conhece nenhuma sociedade em que a violência não tenha estado e esteja presente (NOGUEIRA, 2007, p. 17).

Nessa perspectiva, a violência está evidente em todos os espaços sociais, intrinsecamente vinculados aos aspectos sociais, econômicos e culturais dos discentes influenciando seu desenvolvimento tornando-se uma adversidade persistente nas relações humanas.

Assim, os atos violentos corroboram para que a escola passe a ser percebida não mais como um ambiente seguro e confiável para os alunos, mas uma ambiência com práticas

violentas que provocam medos, constrangimentos e sofrimentos para os envolvidos.

Enquanto instituição, as escolas apresentam inúmeras formas de violência. Dentre estas manifestações, a que mais tem predominância é o *bullying*, uma agressividade velada ou explícita que vem se disseminando no âmbito escolar e em diversos segmentos da sociedade. Fenômeno este, que nas últimas décadas tem recebido atenção por parte de pesquisadores de vários países, inclusive o Brasil. Nestas manifestações consideramos que:

Todo cuidado é pouco, pois se trata de uma realidade complexa e multidimensional. O tema requer um conjunto de medidas, ações integradas e de iniciativas articuladas implementadas de acordo com um plano. Não há soluções mágicas, mas é possível avançar muito na prevenção desses eventos e na educação para convivência (ELIAS, 2011 p, 10).

Percebemos que o *bullying* é uma realidade que comumente deparamos no espaço escolar, de uma dimensão incontrolável que requer o desenvolvimento de um trabalho em conjunto com todos os membros da comunidade escolar, para que se possam buscar soluções eficazes para o seu combate.

E além do mais, se faz indispensável um olhar atento por parte dos educadores para suas possíveis propagações neste ambiente, como forma de prevenção desses eventos, possibilitando traçar caminhos educativos pautados no respeito pelo próximo em suas particularidades individuais, para que seja estabelecido um ensino capaz de sensibilizar os alunos para a convivência harmônica em meio às diversidades existentes.

1.2 CONTEXTO HISTÓRICO DO *BULLYING*

Partimos da ideia de que seja necessário primeiro compreender a dimensão do termo *bullying*, que significa aquele que é valentão, que machuca e humilha, é uma realidade mais comum do que podemos imaginar. Compreende-se por *bullying*, todo e qualquer violência, em que ocorram atitudes de agressão, intimidação e brincadeira, com desconforto para um dos lados envolvidos nessa situação (FANTE, 2005).

Podemos identificar constantemente casos de *bullying* na unidade educativa mediante meios midiáticos e noticiários, com dados sobre acontecimentos reais e cruéis deste fenômeno. É essencial a nosso ver, considerar que o *bullying* tornou-se uma realidade evidente nas escolas, seja esta pública ou privada, que necessita de uma atenção rigorosa por parte de toda a equipe escolar. Deste modo, precisamos conhecer os principais acontecimentos históricos do *bullying*, para que ao compreendermos este fenômeno,

possamos perceber a sua gravidade e os principais sinais de ocorrência no cotidiano escolar.

Dáí vale destacar que apesar do *bullying* ser um problema antigo no espaço escolar, os primeiros estudos surgidos a enfatizar este fenômeno considerando-o como um tipo de violência que se encontra inseridos no âmbito institucional deu-se a partir de 1970 na Suécia. E em pouco tempo as discussões advindas deste fenômeno se disseminaram por outros países.

Conforme analisa Fante (2012), o país da Noruega teve a preocupação durante muito tempo aos aspectos concernente ao elevado índice de casos de agressões, os quais foram identificados como *bullying* pelos educadores, pais e a mídia.

No entanto, até 1982 não se percebia a atenção efetiva para encarar o caso por parte dos órgãos responsáveis. Somente com o suicídio de três crianças da Noruega entre a faixa etária de 10 a 14 anos, que possivelmente as causas tenham ligação com aspectos referentes às práticas de maus tratos dos colegas do espaço escolar. A partir desse episódio, o governo norueguês foi intimidado pela população a realizar trabalhos em dimensão nacional de prevenção nas instituições de ensino contra o *bullying* (FANTE, 2005).

Contudo, em 1983, umas das primeiras pesquisas iniciadas referente ao *bullying* foram oriundas das inquietações e investigações do pesquisador da Universidade de Bergen, Noruega, Dan Olweus, pioneiro nos estudos sobre *bullying*, como referencia, Fante (2012), e este elaborou princípios para constatar o tema em âmbito nacional, com o propósito de propiciar ações beneficentes para o meio social. Em sua investigação buscou distinguir as práticas que caracterizava o *bullying*, com o intuito de discernir atos de brincadeiras e ações perversas que denigrem a imagem do ser humano, sendo percebidas comumente entre crianças e jovens. Diante disso:

Este estudo constatou que, a cada sete alunos, um estava envolvido em casos de *bullying*. Esta situação originou uma campanha nacional, com o apoio do governo norueguês, que reduziu em cerca de 50% os casos de *bullying* nas escolas; tal fato incentivou países, como Reino Unido, Canadá e Portugal, a promoverem campanhas de intervenção (FANTE, 2012, p. 45).

Em suas pesquisas, Dan Olweus, desenvolveu trabalhos relevantes sobre o *bullying*, por meio de questionários aplicados com professores e alunos, com o intuito de conhecer as características dos agressores e vítimas, para que assim, pudesse identificar as causas e efeitos deste tipo de violência. Obteve, ao concluir sua pesquisa, o número de oitenta e quatro mil estudantes de distintos anos escolares, quatrocentos professores e um mil pais (CHALITA, 2008). Ao investigar o fenômeno, o norueguês Dan preocupou-se em entender os fatores que contribuíam para que os jovens praticassem atos violentos contra seus colegas de sala ou

então contra a si próprios, através de entrevista com membros próximos dos envolvidos, como a exemplo, os professores, colegas de classe, profissionais da instituição e inclusive a família.

No início da década de 1990, esta forma de violência nas escolas também se expandiu os seus estudos para outros países, como o Reino Unido, que implementou estudos em grande dimensão, adotaram os critérios abordados por Olweus. Revelaram por meio de entrevista com seis mil discentes com idade entre 11 e 16 anos, que os envolvidos com *bullying* sejam agressores ou vítimas era de uma proporção estarrecedora (NOGUEIRA, 2007).

Na Holanda, acontecia em grande proporção, vindo a pesquisar as atitudes antissociais a fim de descobrir se o *bullying* encontrava-se inserido no contexto escolar. Da mesma maneira nos Estados Unidos o índice de *bullying* crescia de forma assustadora, sendo classificado como conflito global, que se persistisse poderia o envolvido tornar-se delinquente. O interesse em torno da questão logo gerou mobilizações pelo Japão, Inglaterra, Espanha, Portugal (NOGUEIRA, 2007).

Enquanto isso no Brasil, poucas pesquisas existem sobre o assunto, obtendo maior vigor nos dias atuais, as quais são reflexos de estudos realizados nos países europeus. Sendo assim, a incidência do *bullying* só foi estudada em contextos locais, e assim, não se pode saber ao certo a amplitude do problema. De acordo com Fante (2012) este assunto tem pouca visibilidade por não existir fontes de referências que ofereça um mapeamento de amplitude mundial para que se possa realizar um procedimento comparatório com os demais países.

No ano de 1997 foi realizada no Brasil uma das primeiras pesquisas sobre o *bullying* pela docente Marta Canfield da Universidade Federal de Santa Maria, que adaptou o questionário de Dan Olweus colocando-o em prática em quatro escolas públicas da cidade de Santa Maria. Com esse estudo, comprovou que as posturas de *bullying* estão presentes no cotidiano das unidades escolares (OLIBONI, 2008).

Conforme Lima (2011), o fenômeno *bullying* teve uma maior propagação no espaço midiático brasileiro e internacional na década de 2000, por meio dos recursos digitais que oportunizou a criação de vários sites abordando este tipo de violência, facilitando o acesso as informações relacionadas às práticas de *bullying*. À vista disso, a mídia tornou-se um forte aliado na divulgação do *bullying*, que através de reportagens em revistas, bem como em jornais da televisão tem sido dado maior ênfase do fenômeno nas escolas.

Em 2003, a Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à infância e Adolescência (ABRAPIA) desenvolveu uma pesquisa em onze escolas no Rio de Janeiro, dentre elas, públicas e privadas, abrangendo cinco mil e oitocentos alunos que estudavam entre a 5ª e 8ª série do Ensino Fundamental. Nos dados obtidos, constatou que 40,5% dos

adolescentes afirmaram ter vínculo diretamente em atos de *bullying*, 60% dos entrevistados afirmaram que a sala de aula é considerada o ambiente que mais ocorrem o *bullying* e ainda revelou que 41,6% das vítimas silenciam as atitudes de *bullying* e não pede ajuda a ninguém acerca das agressões sofridas (NETO, 2005).

Logo após, a educadora Cleo Fante realizou uma pesquisa em São José do Rio Preto - SP, a qual:

[...] abrangeu aproximadamente dois mil alunos em oito escolas das redes pública e particular, e comprovou que 49% dos alunos estavam envolvidos de alguma forma com o Bullying, dentre eles 22% eram vítimas, 15% agressores e 12% vítimas-agressoras. Além disso, ficou evidenciado que o Bullying estava presente em 100% das escolas participantes (CHALITA, 2008, p. 121).

A inquietação com o assunto se expandiu pelo mundo e casos de suicídio e homicídio entre alunos e ex-alunos no âmbito educacional passaram a ser anunciados. Ramos e Barbosa (2012) pontuam que as ocorrências de *bullying* por ter sido extensivamente difundidos pela mídia, começaram a obter visibilidade e uma maior discussão atualmente. Uma das mais lembradas é a chacina de Columbine, na qual dois jovens armados adentraram a escola, ocasionando a morte de doze pessoas, inclusive um professor, vários feridos e em seguida cometeram suicídio.

No Brasil, ocorrências de *bullying* nas escolas estão continuamente expostas em noticiários, mesmo assim, o assunto de *bullying* é um “tabu” que precisa ser rompido. Um caso bastante divulgado foi o de Taiúva- SP (2003), onde um ex-aluno, após sofrer *bullying* por muitos anos na escola que estudava, decidiu se vingar dos alunos que “zoava” dele por ser obeso, e armado, invadiu a escola na hora do intervalo, atirando em seis alunos e uma professora, os quais sobreviveram ao atentado. Seguidamente ao ataque, o ex-aluno se suicidou (CALHAU, 2009).

Em 2004, em Remanso-BA, um adolescente de 17 anos, após ser vítima das condutas de *bullying* no espaço escolar, resolveu vingar-se do seu agressor de 13 anos de idade, vindo a assassiná-lo juntamente com uma secretária e ainda deixando três funcionários feridos; seu intuito nesse atentado era cometer uma chacina e ser lembrado como o “terrorista suicida brasileiro” (CHALITA, 2008).

Outro caso que também impactou o Brasil ocorreu em Realengo-RJ (2011), cometido por um ex-aluno da escola municipal Tasso da Silveira, o qual com uma arma calibre 38 matou doze alunos e deixou outros doze feridos. O crime premeditado foi em vingança aos colegas que o constrangiam com práticas de *bullying* (SERRA, 2011).

E o episódio mais recente que chocou o âmbito escolar aconteceu em uma escola particular de Goiânia-GO (2017), na qual um aluno de 14 anos que sofria *bullying* pelos colegas que o chamavam de “fedorento” por não usar desodorante, pegou a arma de seus pais que são policiais e no momento do intervalo começou a atirar na sala de aula, matando dois meninos e deixando quatro feridos. O adolescente para consolidar o atentado se baseou no massacre de Columbine e Realengo (RESENDE, 2017).

As ocorrências mencionadas chamam a atenção para a gravidade dos impactos que o *bullying* pode acarretar no ambiente escolar, com causas e efeitos para as vítimas e agressores, casos que impacta e ameaça a vida de todos os envolvidos. Partilhamos da ideia de Fante (2005), ao evidenciar que em todas as entidades de ensino encontramos circunstâncias de *bullying* seja em âmbito nacional ou internacional, pública ou privada, todos os espaços estão suscetíveis a esta forma de violência. Faz-se importante destacar que é preciso estarmos instruídos, enquanto profissionais da educação, para encarar com discernimento esta realidade que se torna impossível omitir atualmente nesse espaço.

Em uma pesquisa realizada no Brasil em 2010, com alunos de escolas públicas e particulares, apontou que as posturas típicas do *bullying* são geralmente identificadas entre alunos da 5º e 6º ano. E ainda revelou que as cidades brasileiras com maiores ocorrências desse fenômeno são: Brasília, Belo Horizonte e Curitiba (CAMARGO, 2010).

O fenômeno *bullying* é um problema social difícil de perceber, pois se apresenta tanto de forma clara como de forma obscura, onde cada uma tem suas próprias características, podendo ser um fenômeno verbal e/ou virtual.

Nesse contexto, percebemos mediante as pesquisas que o *bullying* é um problema nacional, inclusive, encontrado nas instituições educativas. Destarte, os estudos desenvolvidos são essenciais para que busquem as características dos agressores e das vítimas que influenciam neste problema social, e, somente conhecendo e entendendo os elementos intrínsecos nos comportamentos das crianças e adolescentes que se podem buscar meios capaz de intervir nessa realidade.

1.3 O QUE É O FENÔMENO BULLYING

O *bullying* é uma modalidade de violência que acontece nas unidades escolares, tornando-se um problema gritante ao envolver crianças e adolescentes no processo de aprendizagem. É um fenômeno que sempre fez parte do contexto social, porém não se percebia em ampla visão, como está sendo pesquisado nos últimos anos. Nota-se atualmente o

crecente interesse e atenção da mídia em relação a sua relevância na esfera social.

Epistemologicamente o termo *bullying*: “[...] é um verbo derivado do adjetivo inglês *bully*, que significa valentão, tirano” (CHALITA, 2008, p.81). Enquanto isso, Fante (2005, p.27) define *bullying* como “[...] uma palavra de origem inglesa, adotada em muitos países para definir o desejo consciente e deliberado de maltratar outra pessoa e colocá-la sob tensão [...]”. O *bullying* ainda pode ser disseminado por ser praticado por uma pessoa cruel, capaz de intimidar e agredir.

Suas ações maléficas provocam comportamentos com caráter agressivo e antissocial. Neste cenário compreendemos que os atos de *bullying* culminam com efeitos irreversíveis, além do mal-estar que as vítimas sentem, há também prejuízos na qualidade de vida e na sua construção como ser social. O *bullying* se manifesta por meio de atitudes agressivas, existindo uma relação de poder. Podemos assim, compreender que:

[...] o bullying não são brigas normais que ocorrem entre estudantes, mas verdadeiros atos de intimidação preconcebidos, ameaças que sistematicamente, com violência, física e psicológica, são repetidamente impostos a indivíduos particularmente mais vulneráveis e incapazes de se defenderem, o que leva a uma condição de sujeição, sofrimento psicológico, isolamento e marginalização (COSTANTINI, 2004, p. 69).

As práticas de *bullying* escolar configuram-se como todas as atitudes de agressões, sejam físicas, intelectuais e/ou morais, seguidas de intencionalidade e de maneira repetidas, sem motivos evidentes, praticadas por um ou mais aluno contra outro indivíduo e/ou grupo, com o intuito de intimidar, machucar, provocando sentimentos de angústia e dor, sendo evidenciada em uma relação de desequilíbrio de poder entre vítimas e agressores (ROLIM, 2008).

Essas considerações nos levam a pensar que o *bullying* é um tipo de violência que se dá no interior das unidades educativas, uma realidade concreta, necessitando cada vez mais de um olhar crítico dos profissionais da educação. Pereira (2002, p.16) menciona que “[...] é a intencionalidade de fazer mal e a persistência de uma prática a que a vítima é sujeita o que diferencia o bullying de outras situações ou comportamentos agressivos [...]”, com características peculiares, tais como a insistência e a continuidade da ação contra o mesmo indivíduo. Nesse contexto, faz-se essencial o ambiente formativo detectar os agressores e as vítimas nesse processo para evitar os possíveis prejuízos causados às vítimas.

Costuma-se perceber no cotidiano das escolas brincadeiras entre os alunos, no entanto, estas necessitam de um olhar atento dos profissionais da educação, sobretudo se existir apelidos e/ou briguinhas nas diversões. É notável, observar a dimensão que se propagam estas

atitudes, ao momento que a criança/adolescente manifesta aspectos de angústia, vergonha, raiva, entre outros, urgentemente precisam de intervenção. É apontado por brincadeira, quando a situação é agradável para todos os indivíduos integrantes da diversão.

Meotti e Pericoli (2013) ressaltam que a sala de aula é um espaço de aprendizagem e socialização, e, nesse espaço, o professor tem a incumbência de construir saberes por meio da relação social. No entanto, notamos que durante a vivência escolar, encontramos ações cogitadas por brincadeiras, a exemplo, pôr apelidos nos colegas, ridicularizar, esconder o material do colega. Porém, se estas práticas tiverem o intuito de ofender e magoar, seja de maneira física e/ ou psicológica um ou mais alunos, deixará de ser apenas brincadeira, logo, podemos então reconhecê-las como atitudes de *bullying*.

No cotidiano escolar deparamos com situações de conflitos entre alunos corriqueiramente. Apelidos dos mais diversos tipos são semeados constantemente de uns contra outros que podem vir a ser ofensivo. Percebemos que aqueles que recebem as denominações humilhantes reagem de várias formas, seja ignorando, revidando com outras ofensas, isolando da turma, por sentir-se constrangido diante dos colegas, entre outros fatores.

É interessante destacar que para ser julgado como *bullying* é necessariamente quando ocorrem regulamente humilhações, exposição ao ridículo, ofensas raciais, étnicas ou de gênero, propagação de boatos com o mesmo indivíduo, estimulando no agressor sentimento de satisfação em ver a vítima sofrendo (MIDDELTON-MOZ; ZAWADSKI, 2007), engrandecendo seu ego e o desejo de superioridade para minimizar aqueles que apresentam características ditas “fora do padrão social”.

Todas as circunstâncias de *bullying* no ambiente educativo, de acordo com Neto (2005), são acometidas com maior frequência com crianças e adolescentes entre 10 e 21 anos de idade. Problema este, que os estudos de Fante (2005) apontam que é percebido pela instituição de ensino como uma conduta natural, própria da idade, em que muitas das vezes passa a ser ignorado pelos profissionais da educação e pela própria família.

Constituindo-se assim, ações de incapacidade por parte das vítimas em se defender das situações de xingamentos, fofocas, apelidos cruéis, chutes e acusações inválidas, que ocorrem frequentemente no cotidiano escolar, levando a um processo de exclusão social (FANTE, 2005).

O *bullying* é um problema de dimensão mundial, por apresentar-se como um tipo de violência praticada não somente no âmbito escolar público ou privado, mas também em outros espaços sociais. Contudo, precisamos considerar escolas que não aceitam a existência do *bullying* entre os alunos, ou então, não querem enxergar o problema por não saber como

proceder para o combate da violência nesse ambiente.

Dessas acepções, podemos pontuar que, os professores precisam conhecer e saberem identificar o *bullying*, bem com saber a distinção entre agressividade e agressão. Então,

Vamos diferenciar a agressividade de agressão. A primeira pode mediatizar-se, está dentro no nível simbólico. A agressão, em geral, tem a ver com a atuação agressividade e não está mediatizada, não inclui o nível simbólico. A agressividade faz parte do impulso de conhecer e a agressão, ao contrário, dificulta a possibilidade de pensar. A agressividade pode estar a serviço da autoria do pensamento. Para transformar-se em autor do seu próprio pensamento é preciso um quanto de agressividade. A agressão pode estar a serviço da destruição do pensamento (FERNANDEZ, 1992, p.168).

Deste modo, demonstra-se que o comportamento de agressividade está relacionado ao desenvolvimento cognitivo do ser humano, acarretando danos ao processo de construção do conhecimento e conseqüentemente da aprendizagem. Enquanto isso, a agressão é antagônica, é uma atitude impensada; agindo por impulso diante de uma determinada situação, movido pelo seu íntimo, por ódio e raiva, obstruindo o seu raciocínio de refletir e analisar suas posturas.

As agressões desencadeadas contra as vítimas se constituem dentro da sala de aula, corredores, pátios e arredores da ambiência educativa. Estes atos agressivos podem suscitar danos psicológicos nos envolvidos. Geralmente, esses aspectos violentos acontecem inicialmente por “piadinhas” ou afrontas dirigidas a determinados colegas de classe.

De acordo com Melo (2010), os pesquisadores definem que os atos de *bullying* se manifestam de forma direta e indireta. Os atos de forma direta são compreendidos quando as vítimas são atacadas fisicamente com chutes e empurrões ou verbalmente com apelidos e ameaças, sendo evidenciadas facilmente por serem atitudes expostas no espaço educativo, principalmente entre meninos. E ainda por meios indiretos que ocorrem de maneira sutil, existindo ações de indiferença, isolamento, manipulação além da exclusão em atividades de grupo. Por apresentar estes elementos, torna-se com um grau maior de dificuldade de ser percebido no cotidiano escolar, dificultando a minimização do problema.

Embora o *bullying* indireto não ocorra com agressões físicas, os efeitos não são menores que os demais tipos. A vítima deste fenômeno tem a imagem prejudicada, ao ser refém de calúnias e difamações, e nesse contexto “[...] os meios de comunicação costumam ser eficazes na prática do *bullying* indireto, pois propagam, com rapidez e dimensões incalculáveis, comentários cruéis e maliciosos sobre pessoas públicas” (CHALITA, 2008, p.83).

Os casos de *bullying* progrediram gradativamente. Nesse cenário de violência, os

agressores têm buscado maneiras distintas para atingir suas vítimas, e infelizmente, transpôs os limites do espaço escolar. Com o avanço tecnológico, o acesso a internet ficou acessível a toda a sociedade, deste modo, facilitando uma nova maneira de praticar o *bullying* que é conhecido por *cyberbullying*.

O *cyberbullying* é um tipo de violência virtual que não é público, isto é, a vítima é agredida com humilhações e ridicularizações via computador ou celular, um espaço que ninguém percebe, sendo o anonimato uma vantagem para o agressor, tornando-se complexo identificá-lo por se esconder atrás de perfis falsos, os chamados *fakes*. Os agressores atacam de suas casas ou em outros ambientes, sem existir nenhum contato físico, denigrem a imagem da vítima com a divulgação de fotos comprometedoras, espalham vídeos nas redes sociais para um número considerável de público, entre outras maldades. Este tipo de violência tem sido motivo de preocupação para os pais e professores, em virtude das ofensas que se propagam de maneira alarmante, com uma rapidez enorme, com o auxílio dos meios virtuais, como a exemplo das comunidades, e-mails, torpedos, *blogs* e *fologs*, entre outros pontos (CABRAL, 2008).

Percebemos assim, que o *cyberbullying* é uma prática difícil de ser controlada, por se dá de forma virtual, no entanto, uma vez percebido este tipo de violência, os pais/responsáveis e os profissionais da educação necessitam tentar descobrir os possíveis agressores para tomarem as medidas adequadas à situação.

Diante disso, não podemos perceber a sociedade midiática, em que, tudo se dá por intermédio da internet somente por seus efeitos negativos, mas também esta nos proporciona muitas ações benéficas, a exemplo das redes sociais acessíveis a quase todos os sujeitos, oportunizando criar novos vínculos de amizade, bem como conversar com amigos e familiares que moram em outros estados ou então em outros países, facilidade em pagar contas sem precisar sair de seus lares, uma grande diversidade de informações que podemos buscar nos meios tecnológicos de informação e comunicação.

Em referência às questões abordadas, os agressores são identificados como autores do *bullying*, que exercem domínio perante os mais fragilizados. Normalmente este é bem popular na sala de aula, adota condutas agressivas com seus alvos, sente prazer e satisfação em controlar e causar sofrimentos às vítimas por estas serem vistas como vulneráveis e incapazes de se defender dos ataques.

Além desses aspectos, é imprescindível salientar que são muitos os motivos que contribuem com as atitudes de agressividades dos autores do *bullying*. Pode-se destacar que o grau elevado de carência afetiva, agregada a inexistência de limites impostos pelos pais

juntamente com os profissionais da educação e a vivência escolar norteadas por maus tratos físicos e/ou psicológico levam algumas crianças reproduzirem as violências sofridas com outras crianças, como artimanha de ser notado e exercer autoridade, obtendo com isso, reconhecimento e satisfação pessoal. À face do exposto assinala-se que:

Algumas condições familiares adversas parecem favorecer o desenvolvimento da agressividade nas crianças. Pode-se identificar a desestruturação familiar, o relacionamento afetivo pobre, o excesso de tolerância ou de permissividade e a prática de maus-tratos físicos ou explosões emocionais como forma de afirmação de poder dos pais (NETO, 2005, p.167).

Vale ressaltar que o agressor pode ser considerado uma vítima das situações vivenciadas no ambiente familiar, quando este é maltratado no seio familiar, portanto, tende a demonstrar comportamentos diferentes na escola, como ações violentas, dificuldades de aprendizagem, variação de humor, entre outras características, vindo então, a reproduzir no cotidiano escolar a violência sofrida. A criança/adolescente que manifesta este comportamento precisa tanto de ajuda da equipe escolar quanto a que é a vítima dos seus maus tratos.

Podem-se apontar algumas condutas, que geralmente os agressores agem e demonstram nas relações estabelecidas cotidianamente:

É considerado malvado, duro e mostra pouca simpatia para com suas vítimas. Adota condutas antissociais, incluindo o roubo, o vandalismo e o uso de álcool de se sentir atraído por más companhias. Seu rendimento escolar, nas séries iniciais, pode ser normal ou estar acima da média; nas demais séries, em geral ainda que não necessariamente, obtém notas mais baixas e desenvolve atitudes negativas para com a escola (MELO, 2010, p.36).

Para tanto, o diálogo é vital na mediação dos conflitos, vindo a solucioná-los, tanto para as vítimas quanto para os agressores. Deste modo, os educadores podem conhecer e mapear as características do comportamento agressivo dos responsáveis em provocar situações desconfortáveis no cotidiano educativo, e a partir daí, traçar meios eficazes com auxílio dos membros escolares para romper os empecilhos que influem no processo de ensino-aprendizado.

É pertinente afirmar que os alvos acometidos pelo *bullying* são apontados como alunos que, conforme pontua Neto (2005, p.3) “[...] é exposto de forma repetida e durante algum tempo às ações negativas perpetradas por um ou mais alunos”. Assim, as vítimas não dispõem de atitudes de firmeza para reagirem às circunstâncias, optando sofrer os abusos desta prática

em silêncio, por aversão de ações que lhe possa prejudicar seu desempenho escolar, existindo sentimento de medo em sofrer repressão por parte dos agressores.

Partindo dessa consideração, Chalita (2008, p.21) assinala que “[...] os mais fortes humilham os mais fracos, que não tem espaço para revidar nem para revelar a dor que sente na alma”. A inexistência de modelo educacional instruído e sensível conduz os agressores a percorrem o caminho da intolerância, expressando atitudes de preconceito e rejeição para com as vítimas, considerado-as diferentes e inferiores, pelos aspectos referentes à raça, religião, orientação sexual, deficiências, entre outros, privando-as de sua dignidade e de seu direito de fazer parte do convívio social.

Os maiores alvos de *bullying* são crianças ou adolescentes que são pouco comunicativos, inseguros e passivos, apresentando alguns aspectos físicos, tais como: sarda, obesidade, o uso de óculos, baixa estatura, dificuldade de aprendizagem e relacionamento com o grupo (NETO, 2005 apud HESS; LISBOA, 2010). As vítimas são percebidas pelos agressores como alvos “fáceis”, em outras palavras, é a menina tímida, que tem poucos amigos, é o “magrelo”, que parece um coqueiro, é o “gordinho”, que não apresenta habilidade para atividades de educação física, é aquele aluno com necessidades educacionais especiais, é o aluno que usa óculos, entre outros. Estes elementos tornam-se sentimento de satisfação para o agressor, em oprimir e exercer domínio sobre os “vulneráveis” ao *bullying*.

Os atos de *bullying* tornam-se divertidos por que:

[...] humilham a pessoa vitimada. Quando esta aceita de forma pacífica, torna-se alvo de chacota também para outros alunos. O agressor se sente bem, pois para a sua turma ele é “o poderoso”, ele se satisfaz ao ver o riso dos colegas ou muitas vezes se sentem vingados pelas agressões ou humilhações que sofrem em outros ambientes [...] (PEREIRA, 2009, p.32).

Os agressores ao encontrarem, no cotidiano escolar, colegas com aparência fragilizada, usam desse aspecto para colocar sobre as vítimas todo o seu sentimento de revolta, medo, raiva das agressões vivenciadas no lar ou em outro ambiente. Percebemos que se esta relação conflituosa não for superada esta criança/jovem pode crescer desenvolvendo condutas violentas, que lhes acompanhará no decorrer de sua vida.

Existem ainda as testemunhas do *bullying* que tem conhecimento dos atos ocorridos no cotidiano educacional. No entanto, não realizam nem sofrem a vulnerabilidade do fenômeno, mas por receio vir a sofrer também a repressão, geralmente ocultam por medo de serem os próximos a se envolverem no contexto de *bullying*, com isso, acaba acobertando práticas que denigrem a imagem dos alunos dentro da instituição de ensino (NETO, 2005).

Para Silva (2006) os profissionais da educação não conseguem detectar os sinais do *bullying* devido muitas vezes apresentar desgaste físico e emocional no cotidiano escolar, sobrecarga de trabalho, entre outros fatores, o que acabam não despertando para os atos violentos e sua gravidade nesse espaço. E em virtude disso, muitos educadores favorecem com suas atitudes para o agravamento do problema, mediante a rotulação de apelidos pejorativos reforçando atos dessa natureza, ocasionando uma exclusão do meio social inserido.

No entanto, não podemos atribuir aos professores toda a culpabilidade da ocorrência do *bullying* no cotidiano educativo. Mas este como sendo mediador do processo de aprendizagem pode contribuir de forma significativa para que as ações que inibe o comportamento de outro indivíduo sejam superadas, por meio da construção de um ambiente que fortaleça os vínculos de amizade, afeto e companheirismo entre os alunos.

Haja vista, da relevância de saber discernir uma brincadeira inocente, que não tem o intuito de ferir de práticas de *bullying* que machucam profundamente o íntimo do outro. Nessa conjuntura, o que mais se percebe na ambiência educativa na atualidade são atitudes que mancham a integridade do próximo, ameaçando o direito à educação e o desenvolvimento pleno dos envolvidos.

Saber o que é *bullying* e como são propagadas no contexto formativo é extremamente substancial para a minimização desta violência. Ao momento que se conhece é possível se construir uma ação mais eficaz na sua intervenção, com a finalidade de modificar os rumos dos indivíduos que sofrem em silêncio as monstruosidades do *bullying*. Como diz Silva (2010, p.140) “[...] crer que é possível recuperar a grande maioria dessa juventude amarela que, trancafiada em seus quartos, “brinca” de fazer maldade com os demais”.

2. BULLYING NA ESCOLA: UMA REALIDADE COTIDIANA

A escola é um espaço oportuno para a construção de saberes, socialização e aprimoramento dos conhecimentos advindos do convívio familiar e social dos discentes. É ainda um ambiente propício para desenvolver nos educandos suas competências e habilidades, de forma que seja possível ampliar as suas capacidades cognitivas, afetivas e sócio culturais. Buscando formar o ser humano para o exercício de sua cidadania, como um ser autônomo, crítico e reflexivo.

Devemos considerar que nesse espaço a violência se faz presente cotidianamente, implicando dificuldades de concentração e aprendizagem das crianças e dos jovens. No entanto, se espera que o ambiente escolar traga crescimento, aprendizado, valores, e não qualquer forma de violência. Presume-se que haja domínio por parte dos educadores sobre as atitudes que não condizem com o papel da escola.

Que este espaço desenvolva uma convivência social mais inclusiva, sobretudo, práticas que assumam um dos valores mais expressivos na atualidade que é a aceitação das especificidades de cada indivíduo. E que preze pela valorização da diversidade existente nesse ambiente e ainda se comprometa com a luta pela minimização da violência no cotidiano escolar, para que assim as crianças e jovens sintam-se seguros e possam participar efetivamente do convívio social.

2.1 O PAPEL DA ESCOLA FRENTE ÀS PRÁTICAS DE BULLYING

O espaço escolar como uma instituição de orientação de conhecimentos escolares e de vida, deve possibilitar estratégias capazes de fazer com que as crianças demonstrem gosto pelo ensino e possa vim a construir vínculos interativos com outras crianças e demais membros da instituição escolar. Para tanto, constamos com Chalita (2008, p.197) que “[...] a escola é um espaço rico de possibilidades, de descobertas diárias da arte de ensinar e de aprender, de conviver, de viver em harmonia [...]”.

Cabe elucidar que a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB (BRASIL, 1996) sugere que a escola deve vincular-se ao mundo do trabalho e às práticas sociais. Dessa forma como a família, a unidade formativa é incumbida em desenvolver integralmente a criança, considerando seu encargo de compartilhar o conhecimento sistematizado, comprometendo-se em formar seres autônomos e aptos para a inserção no mundo do trabalho.

A ambiência escolar tem a responsabilidade de oportunizar um processo educativo que

busque atingir fins além da escolarização, já que se designa como mecanismo vital que norteia condutas aceitas pelo meio social, viabilizando a constituição de indivíduos instruídos na busca pela conquista de sua autonomia emancipatória.

Faz-se importante destacar que a educação é a ponte que aprimora os educandos para se desenvolver socialmente e intelectualmente, tendo em vista, a formação de sua identidade e o desenvolvimento de habilidades nos aspectos físico, social, e intelectual. A LDB estabelece critérios para uma educação democrática quando institui como finalidade "[...] o pleno desenvolvimento do ser humano, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho" (BRASIL, 1996, p.14).

A escola tem papel indispensável na formação dos indivíduos e no comprometimento de respaldar ações para a efetivação dos direitos destes, vindo a complementar os saberes ofertados pelos membros familiares, ampliando-os, para que se tornem indivíduos com criticidade, conhecedores de seus direitos e deveres para que assim sejam construídos princípios norteadores de uma sociedade sadia para culminar nos processos de ensino e aprendizagem.

No entanto, a escola como instituição formativa vem sendo percebida nesse ambiente de aprendizagem com posturas violentas cotidianamente, interferindo no rendimento dos discentes, ao tornar-se um espaço conturbado, os quais não se sentem satisfação em permanecer na escola. Nesse sentido,

[...] o fenômeno bullying invade silenciosamente os espaços escolares, furtando de crianças e jovens a possibilidade de sonhar. As experiências de dor, de angústia e de humilhação, vividas solitariamente, deixam cicatrizes e podem trazer graves conseqüências para os adultos que essas crianças serão (CHALITA, 2008, p.85).

Nesse contexto, a escola deve reconhecer primeiramente a existência do bullying em seu cotidiano e não simplesmente omitir os casos de violência, contribuindo assim para o seu agravamento. Com estas atitudes a aprendizagem dos discentes torna-se prejudicada pelas marcas causadas pelo *bullying*, de modo que o medo e o isolamento prevalecem no espaço escolar, sinalizando o desinteresse em aprender.

Ademais, Chalita (2008) elucida que é cabível a escola realizar uma avaliação das necessidades e possibilidades para a construção de programas no espaço educativo que envolva os alvos, agressores e testemunhas nesse ato desumano.

Nesse ponto de vista, o ambiente escolar passa a ser parte da construção social do ser humano enquanto sujeito, dotado de múltiplas individualidades e capacidades a serem

divididas com os demais integrantes da unidade escolar, sendo que a união do espaço interno escolar com a realidade externa do aluno concorre para a construção de uma ponte entre família/comunidade/escola, com o intuito de conceder elos fortes entre os fatores que fazem parte da construção do aluno.

Não basta só às crianças frequentarem a escola, é preciso que seus direitos sejam respeitados, já que estes foram conquistados no decorrer do tempo na sociedade em favor dos direitos das crianças e adolescentes acerca da educação, e, nesse sentido, observa-se no artigo 227 da Constituição Federal de 1988 que preconiza:

[...] dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão (BRASIL, 1988).

Então, percebe-se o papel do Estado, do meio social e da família ao que tange a garantia dos direitos das crianças, assegurando-a o direito a liberdade, a saúde, educação, ao respeito, protegê-la de todas as formas de discriminação, exploração, violência, entre outros aspectos. É de responsabilidade de todos zelarem para que estas conquistas sejam prevalecidas na vida das crianças e adolescentes, visto que esses direitos são violados quando há a prática de bullying, pelo fato dos agressores agirem de modo desumano e desprezível contra as vítimas.

Sendo conveniente sobressair que no artigo 18º do Estatuto da Criança e do Adolescente, verifica-se que é responsabilidade da sociedade de modo geral estar atentos as necessidades e proteger os aspectos pertencentes a dignidade das crianças e dos adolescentes. No Art. 18 traz que “É dever de todos velar pela dignidade da criança e do adolescente, pondo-os a salvo de qualquer tratamento desumano, violento, aterrorizante, vexatório ou constrangedor.” (BRASIL, 1989). Portanto, é obrigação das unidades escolares garantirem o bem estar aos seus discentes enquanto instituição, a qual tem a função de formar integralmente o ser humano.

Compreendemos que é inevitável omitir os danos advindos da prática do *bullying*, fica evidente assim, que as vítimas perdem sua liberdade, é envolvidas constantemente em situações que lhe é constrangedora, com atos violentos e desumanos. Com o desejo muitas das vezes de desistir dos estudos, em virtudes dos confrontos sofridos, busca fugir dos momentos conflituosos vividos. Considera-se que através da mediação em conjunto entre a equipe escolar e os membros familiares se podem encontrar soluções de modo eficaz para as

ocorrências de bullying que amedronta as vítimas.

Não obstante, deve-se frisar a Convenção sobre os Direitos da Criança, que se compromete com os direitos humanos da nação. Haja vista que obteve aceitação em 193 países legitimada pela carta magna para todas as crianças em proporção mundial. Em seu Artigo 19º, realça que:

Os Estados Partes adotarão todas as medidas legislativas, administrativas, sociais e educacionais apropriadas para proteger a criança contra todas as formas de violência física ou mental, abuso ou tratamento negligente, maus-tratos ou exploração, inclusive abuso sexual, enquanto a criança estiver sob a custódia dos pais, do representante legal ou de qualquer outra pessoa responsável por ela (BRASIL. 1989).

Nesse sentido, compreende-se que a educação oportuniza o desenvolvimento integral dos educandos. A qual tem a incumbência em cumprir os direitos das crianças, propiciando seu engrandecimento no que diz respeito ao aspecto físico e mental para se tornar um ser participativo no meio social. Ao existir a prática de violência no espaço escolar, seja física e/ou verbal, o direito da criança é violado, vindo afetar à construção de sua personalidade pelas agressões físicas e psicológicas sofridas. Os agressores buscam denegrir e perpetrar posturas agressivas, tornando-se elementos favoráveis a colocar em risco a vida das vítimas.

Recentemente, foi instituída a lei 13.663 de 14 de Maio de 2018, que compreende o fenômeno *bullying* em todas as vertentes. Esta altera a Lei de Diretrizes e Bases – LDB, no art.º 12, passando a vigorar no art.º 12 os incisivos IX e X:

IX - promover medidas de conscientização, de prevenção e de combate a todos os tipos de violência, especialmente a intimidação sistemática (*bullying*), no âmbito das escolas; X - estabelecer ações destinadas a promover a cultura de paz nas escolas (BRASIL, 2018).

As instituições de ensino passam com a aprovação dessa lei a ter a obrigação em promover a cultura de paz, adotando medidas de conscientização, prevenção e combate a diversos tipos de violência, dentre elas o *bullying*, uma vez que a sua prática provoca situações constrangedoras, retirando das vítimas o desejo de viver, por a escola apresentar-se como um espaço de medo e insegurança, impactando o desenvolvimento de sua aprendizagem. É a partir do conhecimento por parte da escola diante da existência dessa lei que os agressores poderão ser punidos por seus atos desumanos e as vítimas conviver em um ambiente que condutas de violências sejam condenadas.

Diante ao exposto, evidencia-se que o fenômeno *bullying* é um tipo de violência que fere os direitos das crianças e dos adolescentes, logo as instituições de ensino necessitam

buscar ações preventivas juntamente com a família e o meio social para superar os índices de agressões provocadas pelo fenômeno *bullying*, para não infringir os direitos destes.

É substancial que os espaços escolares assegurem aos discentes seus direitos garantidos por estas leis, tendo em vista que a violência é dilema universal e, que sua função enquanto órgão institucional é primar pelo desenvolvimento das capacidades e habilidades dos educandos, promovendo um ambiente favorável ao aprendizado. Já que nesse ambiente as crianças passam a maior parte do seu tempo, logo devemos considerar que a escola é uma instituição, que tem as maiores oportunidades de perceber o fenômeno do *bullying*, podendo buscar alternativas para resolver as questões de violência.

2.2 POSTURA DO DOCENTE DIANTE DE SITUAÇÕES DO BULLYING EM SALA DE AULA

O educador tem uma função primordial no processo de aprendizagem dos alunos, assim compete-lhe mediar a construção de saberes para que o educando consiga obter êxito em sua aprendizagem. À face disso, o docente pode despertar e provocar nos alunos a valorização, respeito e aceitação para com as diferenças humanas, seja elas particularidades sociais, econômicas, étnicas, culturais ou outras.

Percebe-se desse modo, o quão é essencial nos processos de ensino e aprendizagem o educador propiciar aos alunos a liberdade de se expressar, expondo suas ideias, opiniões, pensamentos e além de tudo ter o afeto positivo pelos mesmos.

O aluno tende a passar mais tempo na escola dentro das salas de aula, junto com seus colegas e professores. Diante disso, a colaboração do professor é essencial na identificação de posturas suspeita dos atos violentos. O bullying manifesta geralmente nas salas de aulas, com apelidos pejorativos, caçoadas, exclusão de alguns alunos e brincadeiras impertinentes. No caso do docente negligenciar tais condutas, corrobora com suas atitudes para que os agressores continuem praticando seus atos perversos contra os demais.

E além do mais, ter um “olhar” particularizado, que leve em consideração todas as especificidades e necessidades inerentes a cada discente. Vê-lo como um indivíduo que precisa ser educado conforme o seu contexto social, abordando exemplos de aspectos que lhe seja familiar e conhecido, uma vez que, desse modo irá despertar no aluno uma forte disposição, vontade e atenção em aprender. Teixeira (2011, p.28) assegura que “[...] educar para a diversidade, é ter a compreensão de que somos diferentes e que cada um tem o direito de ser diferente, único, singular [...]”.

Inúmeros entendimentos apontam que é apreciável os educadores está sempre atento aos atos perversos do bullying nesse âmbito e, mais do que isso, compreender suas implicações que se dão de forma brusca no cotidiano escolar, interferindo na aprendizagem dos alunos. Diante desta preocupante situação, precisam os professores observar alguns comportamentos nos alunos em prol de identificar possíveis vítimas:

- Durante o recreio está frequentemente isolado e separado do grupo, ou procura ficar próximo do professor ou de algum adulto?
- Na sala de aula tem dificuldade em falar diante dos demais, mostrando-se inseguro ou ansioso?
- Nos jogos em equipe é o último a ser escolhido?
- Apresenta-se comumente com aspectos contrariado, triste, deprimido ou aflito?
- Apresenta ocasionalmente contusões, feridas, cortes, arranhões ou a roupa rasgada, de forma não natural?
- Falta às aulas com certa frequência (absenteísmo)?
- Perde constantemente os seus pertences? (FANTE, 2005, p. 75).

Saber identificar o *bullying* é um dos pontos principais para a prevenção, atentar-se para as possíveis mudanças de comportamentos dos alunos a partir de uma determinada circunstância, contribuem significativamente para mapear vítimas e agressores, com conversas individuais é possível obter informações cruciais para intervir nos casos de *bullying*. Como percebemos, as características do *bullying* indireto tornam-se mais difíceis de serem percebidas por manifestar-se de forma sutil e, nesse caso, as vítimas precisam coragem para falar das práticas violentas que sofrem para que a equipe escolar possa proceder de forma adequada.

Em referência as questões abordadas, devem-se os professores identificar ainda os possíveis agressores que:

- Faz brincadeiras ou gozações, além de rir de modo desdenhoso e hostil?
- Coloca apelidos ou chama pelo nome ou sobrenome dos colegas, de forma malsoante; insulta, menospreza, ridiculariza, difama?
- Faz ameaças, dá ordens, domina e subjuga? Incomoda, intimida, empurra, picha, bate, dão socos, pontapés, beliscões, puxam os cabelos, envolve-se em discussões e desentendimento?
- Pega dos outros colegas materiais escolares, dinheiro, lanches e outros pertences, sem o seu consentimento? (FANTE, 2005 p.75).

Assim, fica evidente que os profissionais da educação necessitam conhecer o perfil dos agressores, com posturas pertinentes intervir quando existir no cotidiano escolar tais atitudes, caso contrário, havendo a negligência destes, os agressores sentirá com poder para prosseguir com suas ações. Ignorar o *bullying* é preocupante, posturas errôneas dos

professores podem acarretar impactos intensos que vítimas e agressores enfrentarão em curto e longo prazo em sua vida.

Faz-se indispensável evidenciar que a família tem o papel de acolher, cuidar, proteger e amar seus filhos. Partindo dessas considerações, Fernandes (2001, p. 42) assinala que “[...] a família também é responsável pela aprendizagem da criança, já que os pais são os primeiros ensinantes e as atitudes destes frente às emergências de autoria, se repetidas constantemente, irão determinar a modalidade de aprendizagem dos filhos”. É com a família que a criança vai adquirir seus primeiros ensinamentos e conhecimentos que vão ser aprimorados ao ingressar na escola formal.

Quando o ambiente familiar não é mais harmônico, o vínculo de cumplicidade e amizade é quebrado, logo, pode vir a ser preenchido por atitudes violentas. É perceptível deparamos com relatos de crianças/adolescentes que conviveram ou convivem com atitudes agressivas físicas e morais no contexto familiar, posteriormente estas passam a reproduzir a violência sofrida nas demais relações estabelecidas, entre elas, na escola. Diante disto, é essencial que os pais reflitam sobre suas posturas em relação aos seus filhos, bem como o modelo educacional que predomina em casa, em que muitas das vezes são reproduzidos pelos filhos, seja aspectos positivos ou negativos. Nem sempre os pais têm a compreensão que alguns comportamentos que os filhos apresentam são adquiridos em casa, advindos das interações entre os membros familiares.

São muitos os impasses que permeiam a sala de aula. Dessa forma, se faz necessário aos profissionais da educação buscar uma parceria com os pais/responsáveis para juntos unir forças em prol da coibição das práticas de bullying no cotidiano escolar e com isso, promover uma educação de valores, baseada no respeito pelo próximo e no fortalecimento do convívio.

É importante considerar que:

É indispensável que se estabeleça uma parceria entre a escola e a família. Sobretudo, é preciso que pais e educadores tenham um olhar atento, amoroso e sensível, que propicie atitudes efetivas no acolhimento das angústias e dos medos (CHALITA, 2008, p.84).

Considera-se que a constante presença da família na escola, acompanhando o desempenho e as atitudes dos seus filhos, contribui de forma significativa para o sucesso escolar destes, uma vez que a família torna-se agencia complementar ao trabalho da escola, como agencia socializadora que viabilizam a formação integral da criança. O envolvimento da família no cotidiano escolar, torna-se eficaz para se obter informações da vivência dos alunos em seus lares, num processo dialógico entre escola e família, pode-se resolver os conflitos e

desafios advindos do fenômeno bullying que venham interferir na aprendizagem dos alunos.

Nesse sentido, compreendemos que a parceria entre família e escola desenvolve papel extremamente relevante no processo de combate ao *bullying*, uma vez que são os pilares fundamentais para obtenção de êxitos satisfatórios para todas as instituições educativas. É precípuo que os pais/responsáveis busquem conhecer o cotidiano escolar e cooperar com as atividades dos filhos, interagindo com o professor e estabelecendo vínculos de parceria para juntos busquem melhorias para os processos de ensino e aprendizagem.

Constatamos ainda, que são muitos os desafios enfrentados cotidianamente pelos professores, ao envolver indivíduos com comportamentos diferentes, suscitando estes em alguns momentos a sensação de fracasso em não saber lidar diante de casos preocupante como é o bullying. Diante da insegurança, necessitam estes de um suporte para conduzir as situações conflituosas no cotidiano escolar. Nesse aspecto Fante (2005) nos orienta que é indispensável aos professores a capacitação e habilitação destes, para detectar os sinais da prática do bullying, e, seguidamente saber agir diante desse fenômeno, uma vez que o educador mantém contato direto com o aluno, acompanhando o seu desempenho escolar e suas emoções.

Partindo dessa perspectiva, a formação continua propicia aos educadores inovar seus saberes, bem como, adquirir práticas pedagógicas adequadas às mudanças da sociedade atual. A partir delas, ter uma visão crítica a fim de melhorar as suas ações cotidianas referente ao enfrentamento das práticas de bullying que ocorrem constantemente na sala de aula, fazendo emergir o conflito, a fim de discuti-lo e não reprimi-lo. Quando os docentes estão preparados, podem interferir de forma adequada nas condutas violentas, influenciando positivamente o processo de aprendizagem.

Assim, fica evidente que as práticas violentas que afetam nesse contexto é imprescindível que seja entendido por pais e professores em sua complexidade para que seja enfrentadas com compromisso e responsabilidade. Conforme relata Chalita (2008, p.107) “[...] reconhecer o fenômeno *bullying* numa perspectiva mundial significa ampliar os olhares e sensibilizar, para a questão, autoridades educacionais, pais e professores”.

Sabemos que não é possível extinguir essas agressões completamente, por existir fatores externos a escola que contribuem para sua disseminação, mas com um trabalho diário é possível minimizar as situações conflituosa que atinge as instituições de ensino.

É interessante percebemos que muitos educadores consideram ações que fere a integridade dos discentes como comportamentos “normais”, sendo características da idade pela sua frequência que ocorre, contribuindo assim para a naturalização do fenômeno. No qual

os envolvidos sofrem em silêncios os efeitos desta prática, perdem a vontade de ir à escola e de estudar e até mesmo de viver, por falta de uma atenção maior por parte dos docentes. E ainda mais preocupante a esse respeito, quando passam da posição de vítimas a vilões. “Acuados e isolados, os alunos vítimas de bullying passam a ter pensamentos destrutivos alimentados pela raiva reprimida. Nasce o desejo de matar a escola, de destruir o registro da dor, de tornar-se importante e lembrado de alguma forma” (CHALITA, 2008, p.142).

Para que essa realidade seja modificada se faz relevante que os profissionais da educação passem a ver que atos que causam dor e sofrimento não podem ser considerados “brincadeira”, porém, como um assunto sério e urgente que precisa ser identificados, com o intuito de impedir que os casos de *bullying* se propaguem em uma dimensão incontrolável, prejudicando a qualidade do ensino.

É viável ao educador buscar ações diárias que construam o caráter ético dos educandos, mobilizando a prática coletiva como método encaminhador na busca de soluções para além da escola acerca dos atos perversos do *bullying* que permeiam essa ambiência, suscitando ao convívio harmônico de toda a sociedade.

Enquanto o espaço escolar e o meio social não refletirem intensivamente aos elementos pertinentes do fenômeno *bullying*, estes problemas só irá aumentar cada vez mais, com isso o futuro, de todos os indivíduos será ameaçado. Sendo assim, se faz essencial um trabalho simultâneo entre sociedade/pais/escolas, refletindo causas e implicações do *bullying* na vida principalmente das crianças e adolescentes, para que mais tarde as crianças não se transformem em jovens frustrados e agressivos.

2.3 IMPACTOS DO BULLYING NA APRENDIZAGEM DOS ALUNOS

Podemos constatar que o *bullying* é um destruidor de sonhos e de vidas que atinge todas as ambiências formativas, independente serem órgãos públicos ou privados. Chalita (2008, p.116) relata que “[...] não há crueldade maior do que, propositadamente, desumanizar uma pessoa a ponto de roubar-lhe o desejo de viver. E o único objetivo do bullying é humilhar uma pessoa ponto de desumanizá-la”. E a realidade constatada é que muito pouco tem se feito para melhorar os conflitos gerados por este fenômeno tanto pela parte das instituições de ensino, os órgãos responsáveis em fazer garantir os direitos dos cidadãos e até pela própria família.

Os efeitos do fenômeno podem ser perversos permeando a vida não só das vítimas, como também a dos agressores e expectadores. Nessa perspectiva, Fante (2005, p. 78)

ênfatiza que “[...] as consequências do bullying afetam todos os envolvidos e em todos os níveis”. Porém, as vítimas são as mais prejudicadas no desempenho escolar, bem como a vim apresentar distúrbio do psicológico pelo fato de não saber reagir a este tipo de circunstância por se referir de crianças ou adolescente, ainda não conseguem ter ações de defesa.

Assim sendo, estes efeitos negativos passar a ser refletidos nas suas relações interpessoais que são construídas cotidianamente pelos indivíduos nas unidades escolares, influenciando na vida dos envolvidos nesse contexto. De modo que, as vítimas tornam-se pessoas isoladas e introvertidas, sentindo dificuldade de comunicar-se com os colegas.

Nesse entendimento, compreendemos a significância de construir e manter vínculos positivos no espaço educativo, que por meio da participação, interação e comprometimento de todos os envolvidos nesse processo, podem-se traçar metas que beneficie as estratégias de ensino, com o intuito de favorecer o desenvolvimento dos educandos, compreendendo-os em suas diferenças e qualidades, fortalecendo ainda o convívio em grupo de forma harmoniosa.

Em consonância com Freire (1996) é relevante salientar que o ato de ensinar exige dialogicidade e curiosidade, com base nisso, percebemos que é através das conversas que juntos se edificam saberes e discutem meios favoráveis ao convívio entre as diversidades existentes, passando a enxergar novos horizontes. Assim, o desenvolvimento interativo na sala de aula possibilita ainda um grau de maior intimidade favorecendo a manutenção do diálogo. Ainda nessa assertiva entende-se que,

O diálogo é a estrada necessária para se chegar ao aluno, pois só mostrando boa vontade, de entendê-lo e respeitá-lo como pessoa humana, se é capaz, de notar a verdadeira identidade do aluno, atrás de sua máscara diária no qual esconde os seus problemas, ansiedades e preocupações, pois o adolescente procura demonstrar, através de palavras e gestos o que sente e o que necessita naquele momento. Cabe ao professor ajudar o aluno neste processo de crescimento e reconstrução de identidade para se auto-afirmar como ser humano adulto (FRESCHI; FRESCHI, 2013, p. 05).

É pertinente ressaltar que mediante o diálogo o professor pode vim a conquistar a confiança dos alunos, e conseqüentemente identificar se estes sofrem com as posturas de bullying cotidianamente para que juntos possam buscar solucionar casos desta conduta na sala de aula, que prejudica imensamente a aprendizagem dos alunos e as relações interpessoais estabelecidas na turma.

É recorrente alguns elementos percebidos nas vítimas tais quais: medo, timidez, submissão, baixa auto-estima, insegurança, resquícios de depressão, passividade, ansiedade, entre outros fatores (NETO, 2005). As situações conflituosas precisam ser trabalhadas no

contexto escolar, com iniciativas de combate ao *bullying*, que venham adequadamente a ser planejada, administrada e executada.

O *bullying* é concebido como um fenômeno vinculado ao comportamento, que atinge as particularidades das vítimas, que traz influências negativas para o processo de aprender, por motivos emocionais, medo, angústia e raiva reprimida.

Dependendo da intensidade do sofrimento vivido em consequência do *bullying*, a vítima poderá desenvolver reações intra-psíquicas, com sintomatologia de natureza psicossomática: enurese, taquicardia, sudorese, insônias, cefaléia, dor epigástrica, bloqueio dos pensamentos e do raciocínio, ansiedade, estresse e depressão, pensamentos de vingança e de suicídio, bem como reações extra psíquicas, expressas por agressividade, impulsividade, hiperatividade e abuso de substâncias químicas (FANTE, 2005, p. 80).

Como sabemos as causas e efeitos do *bullying* marcam intensamente as dimensões do psicológico, emocional e sócio-educacional dos envolvidos carregando resquícios ao longo da vida. É importante considerar, que são inúmeras as influências do *bullying* na aprendizagem dos alunos, os quais perdem o interesse pelos estudos, não encontram sentido para continuar a estudar, em virtude do constante sentimento de medo, terminam desistindo de estudar. É preciso atenção as mudanças de comportamento com o perpassar do tempo para que sejam evitados que possíveis traumas sejam companheiros do cotidiano de muitas vítimas.

Ainda de acordo com Fante (2005), existem casos mais delicados em que algumas vítimas optam por atos impensados de suicídios a terem que permanecer sendo humilhados constantemente por seus agressores. Percebemos que o *bullying* é muito grave, seja de forma direta ou indireta, com consequências alarmante para suas vítimas afetando diretamente seu desempenho escolar.

Dentro desse contexto, podemos refletir ao que se refere à figura dos agressores, que com atitudes cruéis, pode vim também a sofrer consequências em sua vida. Estudos constatam que estes podem desenvolver perfil de criminalidade, se caso não existir uma ação de coibição da equipe escolar com o auxílio da família para superar as condutas violentas.

Para aprofundar essa discussão sustenta-se que:

O agressor (de ambos sexos) envolvido no fenômeno estará propenso a adotar comportamentos delinquentes, tais como: agregação a grupos delinquentes, agressão sem motivo aparente, uso de drogas, porte ilegal de armas, furtos, indiferença à realidade que o cerca, crença de que deve levar vantagem em tudo, crença de que é impondo-se com violência que conseguirá obter o que quer na vida... afinal foi assim nos anos escolares

(FANTE, 2005, p.81).

Deste modo, demonstram-se os prejuízos para todos os envolvidos nesta prática. O bullying viabiliza um clima desfavorável a construção de saberes por ser incumbido “[...] pela criação de um ambiente no qual o que predomina é um clima tenso, de medo e perplexidade por parte das vítimas e também dos espectadores que, indiretamente, se envolvem nessa prática [...]” (GUARESCHI, 2008, p.50).

Os malefícios do fenômeno bullying devem ser dialogado e refletido em todos os âmbitos sociais como artimanha a viabilizar sua interferência e que incessantemente se busque por novos caminhos, evitando que este mal que está inserido no interior das escolas sejam combatido com a união de todos os indivíduos.

2.4 MEDIDAS DE PREVENÇÃO AO BULLYING INSTITUCIONAL: DESAFIOS E POSSIBILIDADES NO AMBIENTE FORMATIVO

Uma das premissas determinantes a ser tomada referente ao *bullying* é o aprofundamento dos saberes diante das manifestações agressivas que tem causado este fenômeno, sendo significativo no auxílio construtivo de ações que realmente sejam capazes de intervir na realidade das instituições de ensino. Para tanto, se faz indispensável que os profissionais da educação discutam e reflitam acerca de todas as formas de violência existentes, buscando meios eficazes de evitar esta conduta nas unidades escolares. Assim,

Compreender as práticas de agressões e superá-las demanda menos esforços de entendimento sobre os caminhos que permitirão a ação socializadora da escola, ampliando com novas atribuições as consolidadas representações do mundo adulto em torno da ascensão social (SPOSITO, 1998, p. 73).

É necessário, porém, o envolvimento de professores, pais e alunos na elaboração de projetos de diminuição do bullying. A colaboração de todos visa designar diretrizes e ações, priorizando a sensibilização do fenômeno de modo geral, com o intuito de apoiar as vítimas de bullying, fazendo que se sintam protegidas em um espaço escolar sadio e seguro (ROSA, 2010).

Para existir a propagação de uma cultura de paz no ambiente educativo é preciso conforme Abramovay e Rua (2003) que priorize valores tais como o respeito mútuo, a tolerância, a solidariedade, a compreensão, etc.

Acreditamos que é importante trabalhar os valores e os princípios e que estes precisam ser postos em prática em todos os ambientes que os indivíduos estejam inseridos para prevenir

condutas de bullying. As entidades de ensino devem oferecer meios propícios e estratégias para resoluções pacíficas e criativas, para se construir uma proposta de educação para a paz no cotidiano escolar.

É impossível extinguir a violência de todos os segmentos sociais, no entanto é possível reduzi-la com ações estratégicas envolvendo toda a comunidade escolar com “[...] debates, palestras, os seminários sobre o tema, a disciplina bem definida na rotina escolar e a comunicação mútua entre alunos e professores e entre a escola e a comunidade” (GALVÃO et al, 2010, p.10). Criar programas de combate ao bullying é indispensável no espaço escolar, mas estas ações não podem ser apenas exposição de cartazes e a exibição de filmes e ser considerada programa anti-bullying. É preciso ir muito além, com diálogos reflexivos com os alunos e os pais, criando táticas que não tolere atitudes de bullying no cotidiano escolar. Para que estas atitudes obtenham efeitos satisfatórios necessitam de um planejamento adequado, investimentos e a participação efetiva dos membros familiar e o comprometimento de todos para diminuir o índice de atos violentos na escola.

Nota-se que os profissionais de ensino não conseguem reconhecer os atos violentos na dinâmica escolar, demonstrando receio em lidar com o mal que assola as escolas, com atitudes irrefletidas que podem provocar bloqueios na aprendizagem dos discentes. Necessitando aprender a dialogar com as situações novas que o espaço escolar convive diariamente. Dai surge à urgência de ser trabalhada a temática para que sejam quebradas as amarras desse universo nebuloso do medo que os envolvidos vivem no cotidiano escolar.

Podemos inferir que a comunidade escolar de modo geral necessita se comprometer em primar por constantes ações preventivas contra o bullying para que novas realidades sejam dissipadas na ambiência educativa. Dessa forma, possibilitar um ambiente humanizado, capaz de enxergar as situações que prejudicam o rendimento do educando. Transformando esse espaço em um ambiente acolhedor, que saiba valorizar os aspectos peculiares a cada um deles.

Mediante a união de todos os indivíduos nesse processo com atitudes comprometidas com o bem-estar social é que podemos minimizar e sensibilizar todos para o problema gritante que se encontra em todos os espaços.

[...] sensibilizar e envolver toda comunidade escolar na luta pela redução do comportamento bullying torna-se tarefa imprescindível, uma vez que o fenômeno é complexo e de difícil identificação, principalmente, por manifestar-se de maneira sutil e velada e por garantir sua propagação através da imposição da lei do silêncio (FANTE, 2005, p. 92).

No entanto, é precípua que o espaço escolar reconheça a presença do bullying, o seu malefício acarretado por este problema no desenvolvimento social e na aprendizagem dos discentes. Uma das providências que a escola pode adotar é buscar instruir seus profissionais, para que estes saibam identificar e enfrentar as práticas de bullying que venha ocorrer nesse ambiente.

As posições de violência causadas pelos responsáveis do *bullying* não podem ser apoiadas pela escola, esta necessita estimular os alunos a participarem das atividades de intervenção do bullying, mediante um trabalho continuado para que este problema não se propague. Fante e Pedra (2008, p.130) mencionam que “[...] é preciso respeitar às diferenças de cada um e conviver em harmonia. Somente assim teremos a escola legal, a escola inclusiva, a escola que sonhamos”. O bullying é uma forma de desrespeito ao próximo, logo, para conviver pacificamente, as instituições de ensino precisam trabalhar as diversidades existentes, só assim, construiremos um ambiente escolar de relações amistosas entre todos os envolvidos.

3 PERCURSO METODOLÓGICO

Este estudo tece algumas reflexões a respeito do *bullying* escolar, visto que é possível os profissionais da educação conhecer e saber identificá-lo, uma vez que as práticas de bullying traz implicações para os processos de ensino e aprendizagem no cotidiano escolar. Deste modo, este capítulo apresentará os recursos metodológicos adotados na realização deste trabalho de pesquisa.

É pertinente no suceder desse trabalho discorrer algumas considerações referentes ao conhecimento científico, levando em consideração que este se diferencia do conhecimento popular, os quais são observados ou que se perpetuam de geração em geração sejam estes advindos de um caráter informal, baseado nos relatos de experiências de vida das pessoas (PRODANOV; FREITAS, 2013).

Enquanto isso, os procedimentos do percurso científico se constituem a partir do conhecimento popular, contudo dele se distingue mediante metodologias e concepções que se propõem a reconhecê-lo enquanto conhecimento científico. Nessa perspectiva, os saberes científicos se manifestam com o desígnio de elucidar e dar respostas a incertezas e questionamentos, por meio das experiências e estudos que podemos compreender a realidade do meio social que o sujeito encontra inserido através das constatações da ciência.

Conforme Demo (2000, p. 25), “[...] do ponto de vista dialético, conhecimento científico encontra seu distintivo maior na paixão pelo questionamento, alimentado pela dúvida metódica.”

Assim, o conhecimento é produzido pela investigação científica, mediante seus métodos, exigindo rigorosidade, sistematização e verificabilidade do que será investigado, para que dessa maneira os resultados obtidos por meio destas explicações advindas do surgimento da dúvida metódica sejam cientificamente comprovados e aceitos. Ao verificar uma situação o saber científico procura não somente explicá-lo, mas busca descobrir e explicar sua ligação com outros fenômenos.

Em consonância com Cervo, Bervian e Silva (2007, p. 7) o conhecimento científico “[...] vai além do empírico (popular), procurando compreender, além do ente, do objeto, do fato e do fenômeno, sua estrutura, sua organização e funcionamento, sua composição, causas e leis”. Como podemos perceber, o conhecimento científico se constitui do aperfeiçoamento do saber comum, o qual não tem comprovação científica, apenas as vivências do cotidiano. Desse modo, o conhecimento do senso comum passar por um rigor metodológico (pesquisa) e seguidamente é testado e comprovado para ser científico.

Diante desses aspectos é interessante ainda destacar elementos consideráveis para o avanço da pesquisa científica, vista como significativa para construir saberes essenciais para o processo de formação do pesquisador que está iniciando seu percurso científico. É por intermédio da pesquisa que podemos nos aproximar do objeto de investigação, assim como a oportunidade de interpretar a realidade do indivíduo. Nessa compreensão a pesquisa é definida como o:

[...] procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos. A pesquisa desenvolve-se por um processo constituído de várias fases, desde a formulação do problema até a apresentação e discussão dos resultados (GIL, 2007, p.17).

Nota-se que a pesquisa se fundamenta de um procedimento formal, utilizando métodos reflexivos, que necessita de uma compreensão e explicação científica e se constitui no percurso para conhecer a realidade ou então para descobrir verdades parciais. A pesquisa parte de uma indagação, uma dúvida para a qual se quer obter uma resposta.

Pesquisar significa buscar resposta para alguma coisa, não se limitando apenas ao processo reflexivo ou meramente entender os enigmas e manifestações existentes na sociedade, mas concerne a procederem que ocasione a construção de novos conhecimentos para o meio social e, além do mais o estudo deve ser ancorado na dimensão teórica como norte do caminho investigativo.

O procedimento técnico para desenvolver o estudo parte da pesquisa qualitativa, de matriz bibliográfica, com estudo de campo, uma vez que nosso ponto central é a interpretação do fenômeno *bullying* e sua relação com o processo de aprendizagem.

Nessa conjuntura a pesquisa bibliográfica é constituída pelo embasamento teórico de alguns especialistas. Em consonância com Moreira e Caleffe (2006, p. 74), “[...] é desenvolvida a partir de material já elaborado”, sendo realizados através de análise de literatura disponível em revistas, sites, livros, artigos acadêmicos pertencentes aos âmbitos de aprofundamento e discussões sobre o fenômeno *bullying*, a partir da visão dos autores que abordam a temática em questão.

Para aprofundar essa discussão evidencia-se que:

As pesquisas devem contribuir para a formação de uma consciência crítica ou um espírito científico do pesquisador. O estudante, apoiando-se em observações, análise e deduções interpretadas, através de uma reflexão crítica, vai, paulatinamente, formando o seu espírito científico, o qual não é inato. Sua edificação e seu aprimoramento são conquistas que o universitário vai obtendo ao longo de seus estudos, da realização sumário principal voltar

avancar sumário capítulo de pesquisas e da elaboração de trabalhos acadêmicos. (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 44).

Ainda nessa ótica entendemos que uma pesquisa bibliográfica é aquela que:

[...] abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema estudado, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, materiais cartográficos, etc. [...] e sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto [...] (LAKATOS; MARCONI, 2001, p. 183).

Esse tipo de pesquisa se faz pertinente para o pesquisador, em virtude de que possibilita uma ampla obtenção de informações e conhecimentos sobre as práticas de bullying no âmbito escolar, dando suporte na interpretação da temática contemplada.

Outro caminho percorrido para a construção do estudo baseia-se na pesquisa de campo, com a finalidade de conhecer na prática pedagógica, como estão trabalhando os aspectos referentes às ações violentas nesse espaço de aprendizagem. Levando em consideração, que um dos pontos da pesquisa é averiguar as estratégias utilizadas pela unidade escolar para combater o fenômeno *bullying*. Assim, fica evidente que a pesquisa de campo é:

[...] aquela utilizada com o objetivo de conseguir informações e/ou conhecimentos acerca de um problema, para o qual se procura uma resposta, ou de uma hipótese, que se queira comprovar, ou, ainda, descobrir novos fenômenos ou as relações entre eles. (...) Consiste na observação de fatos e fenômenos tal como ocorrem espontaneamente, na coleta de dados a eles referentes e no registro de variáveis que se presume relevantes, para analisá-los (LAKATOS, 2003, p. 186).

Esta pesquisa concede ao pesquisador vivenciar os fatos pesquisados, uma vez que buscando o contato direto com a realidade a investigar. Este terá maior oportunidade de entender melhor o gerador dos fatos, além do mais poderá conviver com o objeto a ser estudado, propiciando uma autenticidade maior dos fatos pesquisados, bem como fazer uso de diversos instrumentos na coleta de dados, enriquecendo ainda mais o campo de estudo.

Ao que concerne ao método utilizado nessa pesquisa foi o dedutivo, que busca conhecer os fatos de amplitude geral para atingir a dimensão particular. A partir de leis e teorias consideradas verdadeiras e indiscutíveis, pressupõe acontecimentos de casos particulares com base na lógica. Assim, “Parte de princípios reconhecidos como verdadeiros e indiscutíveis e possibilita chegar a conclusões de maneira puramente formal, isto é, em virtude unicamente de sua lógica.” (GIL, 2008, p. 9).

A pesquisa será de caráter descritivo, pois se pretende a partir da observação, registrar e expor os fenômenos coletados, sem neles interferir, no que concerne a compreensão dos entendimentos do sujeito sobre o objeto de estudo do pesquisador- Anos Finais do Ensino Fundamental que tem como propósito discutir as problemáticas e influências que o bullying pode impactar nos processos de ensino e aprendizagem.

Tal pesquisa observa, registra, analisa e ordena dados, sem manipulá-los, isto é, sem interferência do pesquisador. Procura descobrir a frequência com que um fato ocorre, sua natureza, suas características, causas, relações com outros fatos. Assim, para coletar tais dados, utiliza-se de técnicas específicas, dentre as quais se destacam a entrevista, o formulário, o questionário, o teste e a observação. (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 52).

Destarte, essa linha de estudo tem como finalidade descrever os fatos e fenômenos de uma determinada realidade. Nesse caso, pretendemos investigar e analisar o entendimento dos docentes e discentes sobre o bullying, visando descrevendo suas percepções e algumas situações experimentadas pelos sujeitos, sendo possível a seguir fazer a descrição das informações coletadas.

Com esse tipo de classificação da pesquisa científica, provavelmente o pesquisador vai dispor de mais viabilidade para relatar de maneira consistente e sintetizado o seu estudo, tornando-o compreensivo a quem ler.

Esta pesquisa desenvolveu-se dentro de uma perspectiva teórica e metodológica da pesquisa qualitativa para melhor análise do problema (CRESWELL, 2007; GÜNTHER, 2006). Para tanto, nosso estudo objetiva conhecer a realidade sem envolver-se, nem negar quantitativamente as questões. Seu foco é compreender a significação da vida dos indivíduos na qual estão envolvidos, buscando o entendimento de ações benéficas para os fenômenos sociais e culturais.

Neste sentido compreendemos que,

As pesquisas qualitativas são entendidas como aquelas capazes de incorporar a questão do significado e da intencionalidade como inerentes aos atos, às relações, e às estruturas sociais, sendo essas últimas tomadas tanto no seu advento quanto na sua transformação, como construções humanas significativas (MINAYO, 2010, p. 10).

Com base nesse entendimento, realça-se que é uma abordagem focada na dinâmica das vivências sociais, e ainda tem o interesse em desenvolver a criticidade e autonomia do indivíduo, em outras palavras, os significados dos fatos analisados delimitam a vida em sociedade. A pesquisa qualitativa busca em sua dimensão integral em relação ao estudo do

bullying escolar entender a existência dos fatos que acarretam impactos sérios para os envolvidos e como estes decorrem no cotidiano educativo, constituindo-se empecilhos ao desenvolvimento dos discentes.

Para o desenvolvimento da abordagem qualitativa é imprescindível que o pesquisador mantenha contato direto com a realidade do campo de estudo, com o intuito de vivenciar os fatos do ambiente no qual o sujeito pesquisado encontra-se inserido, e posteriormente obter diretamente os dados e informações necessários para desenvolver o seu trabalho de pesquisa, assim, “[...] permite que a imaginação e a criatividade levem os investigadores a propor trabalhos que explorem novos enfoques” (GODOY, 1995, p. 23).

A pesquisa foi realizada em uma escola municipal de Ensino Infantil e Fundamental, no município de Nazarezinho - PB, órgão público.

A amostra foi distribuída com 4 professoras do 6º ao 9º ano dos Anos Finais do Ensino Fundamental de uma Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental, localizada no município de Nazarezinho, estado da Paraíba.

O instrumento de coleta de dados é uma forma de aproximação entre sujeito e objeto de estudo. Nessa visão chama-se a atenção que:

Na pesquisa qualitativa, os instrumentos deixam de ser vistos como um fim em si mesmo (instrumentalismo positivista) para se tornar uma ferramenta interativa entre o investigador e o sujeito investigado. Noutra perspectiva, o instrumento deixa de ser considerado a via de estudo das respostas do sujeito, para englobar os procedimentos usados pelo pesquisador para estimular a expressão e a construção de reflexões pelo sujeito que estão além das possibilidades definidas *a priori* pelos instrumentos (GONZÁLEZ, 1999, p.90).

Este trabalho adotou o uso da entrevista semiestruturada. Compreendemos que este mecanismo fornece um leque maior de possibilidades de informações a serem coletadas referentes ao fenômeno bullying. A pesquisa semiestruturada é a que o pesquisador qualitativo mais utiliza na realização de suas investigações. Nesse tipo de entrevista, o pesquisador organiza um roteiro com um conjunto de questões acerca do tema que este pretende trabalhar.

A esse respeito, compreende-se que:

A entrevista é um excelente instrumento de pesquisa por permitir a interação entre pesquisador(a) e entrevistado(a) e obtenção de descrições detalhadas sobre o que está pesquisando. No entanto, é preciso que o entrevistador não interfira nas respostas do entrevistado(a), limitando-se a ouvir e gravar a fala dele(a) (OLIVEIRA, 2010, p.57).

Este instrumento favorece uma interação significativa entre o pesquisador e entrevistado de forma direta. Desta forma, a pesquisa a ser investigada torna-se proveitosa e satisfatória, ao contemplar no decorrer da entrevista a possibilidade de obter novas informações a partir das indagações propostas. É válido pontuar que o pesquisador não pode influenciar nas respostas dos entrevistados, devem deixá-los à vontade, sem possíveis constrangimentos. É importante considerar que, os dados coletados na entrevista serão gravados e seguidamente será feita a transcrição de áudios na íntegra.

No tocante a dimensão técnica, nossa pesquisa utilizou a análise de conteúdo, em virtude de ser característico desse procedimento o caráter objetivo em lidar com dados obtidos no desenrolar do processo investigativo da pesquisa. Sendo compreendido como,

[...] um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens” (BARDIN, 1977, p. 42)

É indispensável explicar que a análise de conteúdos possibilita a descrição de forma sistemática do conteúdo em um diálogo realizado entre os participantes de uma pesquisa na busca de resultados relativos ao campo de estudo, objetivando a partir da troca de informações a construção de saberes pertinentes ao problema de pesquisa.

Consideramos que a pesquisa é elemento essencial para a construção de questionamentos sobre os acontecimentos referentes ao bullying a serem estudados nas unidades escolares, concedendo nas práticas educacionais constatar os fatos em evidências possibilitando uma aproximação e um entendimento da realidade a ser investigada, desenvolvendo estratégia capaz de superá-la.

A pesquisa pode conduzir a discussão ampla sobre a temática estudada levando conhecimentos a todos os sujeitos envolvidos, contribuindo para que o meio social conheça a violência escolar e posteriormente consiga mapear seu percurso, transformando a realidade de muitos indivíduos que sofrem em silêncio as manifestações da violência na instituição de ensino.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES DA PESQUISA: REFLETINDO O BULLYING ESCOLAR

Este capítulo apresenta os resultados e sua análise referente à trajetória percorrida durante a pesquisa de campo. A realização do estudo foi em uma escola de Ensino Fundamental do município de Nazarezinho-PB, se deu via entrevista semiestruturada com 4 (quatro) professoras para analisar o entendimento das participantes concernentes as problemáticas e influências que o bullying pode causar nos processos de ensino e aprendizagem nos Anos Finais do Ensino Fundamental.

A análise de dados iniciou-se por meio da seleção dos nomes a serem utilizados com o intuito de preservar a identidade dos sujeitos partícipes. Para referirmos aos participantes foram adotados nomes fictícios: P1, P2, P3 e P4.

Na categoria relacionada ao conhecimento normativo pedagógico e sócio cultural. Os dados formativos revelam a formação das professoras em estudo, evidenciando que estas possuem graduação em: P1 Pedagogia e especialização em Psicopedagogia, P2 Inglês e especialização em Inglês, P3 Ciências e Química e especialização em Educação Ambiental e Coordenação e P4 Letras-Inglês e especialização em Inglês, todas tem entre 10 e 15 anos de sala de aula.

4.1 ENTREVISTA COM PROFESSORES

Os dados desse estudo foram desenvolvidos a partir de 6 (seis) reflexões com as professoras que participaram e responderam com êxito as indagações desta pesquisa. No entanto, os diálogos e as respostas foram curtas e objetivas, todas as entrevistas foram realizadas no ambiente escolar no horário do planejamento semanal em virtude ser o único momento disponível que estas tiveram para a entrevista, pelo fato de trabalharem em mais de uma escola.

As práticas do bullying no âmbito escolar têm provocado inúmeras discussões em vários espaços do mundo, reconhecendo-o como um comportamento real e cruel que aflora de forma direta e indireta nossas escolas e o meio social. Na percepção de Chalita (2008, p.38), “[...] o bullying é um comportamento ofensivo, aviltante, humilhante, que desmoraliza de maneira repetida, com ataques violentos, cruéis e maliciosos, sejam físicos, sejam psicológicos”. Pode-se constatar que a presença de atitudes violentas no cotidiano escolar corrobora para um processo contínuo de posturas que inibe a participação dos educando na

sala de aula.

Desta forma, os questionamentos foram sendo feitos sobre a compreensão do fenômeno bullying com as professoras, neste tocante, a professora P1 respondeu que o mesmo “[...] é uma questão séria, além de causar danos a quem sofre o bullying, prejudica também o processo de ensino-aprendizagem” (P1, 2018). Percebe-se que o *bullying* implica no desenvolvimento da aprendizagem desde os anos iniciais até os últimos anos escolares, com ações danosas que provoca danos na vida dos envolvidos.

Com questões tão complexas, como é o caso do bullying, as vítimas carregam consigo cicatrizes, durante todas as etapas de suas vidas, tornando-se algo negativo na construção de sua personalidade, bem como nas suas relações profissionais. Sobre esse sentimento, pode-se destacar que:

[...] jovens que carregam consigo os traumas da vitimação para a vida adulta, tornam-se adultos ansiosos, inseguros, depressivos ou mesmo agressivos. Eles tendem a reproduzir em seus relacionamentos profissionais e/ou familiares, a violência que sofreram no ambiente escolar (SILVA, 2010, p.76).

Notamos em virtude desta situação, que a aprendizagem passa a ser comprometida, acentuando o baixo rendimento escolar, perdendo o gosto pelo ato de aprender e ainda prejudicando em suas relações tanto no âmbito do trabalho quanto no pessoal.

Sobre este mesmo questionamento, as professoras P2, P3 e P4, ao falarem sobre o fenômeno, voltaram-se mais para as questões das agressões verbais e físicas, no que tange as questões dos apelidos, xingamentos, socos e empurrões como podemos perceber a seguir:

O bullying é uma palavra de origem inglesa, que se relaciona a comportamentos negativos como: agredir, bater, xingar, apelidar (P2, 2018).

O bullying é um fenômeno que transcende gerações e já acontece a muitos anos, porém, hoje está mais visível, se manifesta por meio de apelidos, xingamentos, agressões físicas (P3, 2018).

O Bullying é todo tipo de prática de não aceitação do comportamento do outro, não tolerar o outro como ele é (P4, 2018).

Constata-se mediante as respostas das docentes que atuam na escola pesquisada que percebem as práticas de bullying - sendo um tipo de violência que são concebidas de forma verbal, física e moral tornando-se - como elementos negativos aos processos de ensino e aprendizagem. Notamos ainda, que as docentes não evidenciaram que para ser caracterizado como bullying precisa ser “rotineiro”. Essas considerações nos levam, necessariamente, compreender que o bullying institucional constitui-se por atos repetitivos e de forma

prolongada, com fins em perseguir um aluno específico (FANTE, 2005). Sendo que estas características próprias do bullying não foram mencionadas pelas entrevistadas.

Partindo dessa perspectiva Silva (2010, p.21) nos levar a pensar que “[...] a palavra bullying ainda é pouco conhecida do grande público. De origem inglesa, e sem tradução ainda no Brasil, é utilizada para qualificar comportamentos violentos no âmbito escolar, tanto de meninos quanto de meninas”. Compreendemos que não existe distinção de gênero nos comportamentos de *bullying*, todos os indivíduos são reféns de ações desta natureza. Porém, nota-se que entre os meninos é mais perceptível, enquanto que entre as meninas, ocorrem de maneira mais discreta.

Ao indagarmos sobre os tipos de bullying que ocorrem no cotidiano escolar, as quatro professoras responderam na mesma linha de pensamento, referindo-se aos apelidos, discriminação, xingamentos e agressões verbais e físicas.

As formas de bullying que mais percebemos na escola são mais apelidos e xingamentos que geram brigas com empurrões, chutes e murros que muitas vezes fico sem saber como agir para conter sua propagação. (P1, 2018)

Os tipos de bullying mais frequentes que percebemos são agressões físicas e verbais, é um tipo de violência difícil de combater (P2, 2018)

Encontramos nas salas de aula algumas manifestações notórias a exemplo de apelidos, humilhações, chacotas, empalhar boatos e agressões físicas e é muito difícil (P3, 2018)

Ocorrem nesse ambiente atitudes de intolerâncias, apelidos, humilhações, agressões físicas, é muito preocupante esse fenômeno que está inserido no nosso meio, deixando-nos um pouco preocupados (P4, 2018).

Mediante a tais entendimentos, notamos que as profissionais da educação relacionam o bullying a agressões verbais e físicas, e ainda percebemos em suas afirmações a limitação a questão de “apelidos” entre alunos. Nesse sentido, podemos inferir que os apelidos entre alunos é uma forma de ofender o outro, bem como ser o caminho para as ações do bullying tornar-se uma violência intensa e grave. As formas de violência em maior evidência pelas participantes na escola são: chutar, bater, tomar pertences, apelidar, com o propósito de intimidar e excluir as vítimas do convívio social.

Além disso, a professora P4 mencionou em sua afirmativa que durante suas aulas ocorrem comportamentos de intolerância, isso acontece por alguns não aceitar aqueles alunos que são considerados “fora do padrão aceito socialmente”, sendo excluídos das atividades e dos momentos de diversão em grupos. Partilhamos da ideia de Fante e Pedra (2008, p.41) ao afirmar que “[...] o bullying nasce da recusa a uma diferença, da intolerância, do desrespeito

ao outro”. Podemos entender que a unidade escolar precisa desenvolver com seus alunos posturas de valorização das diferenças de cada sujeito, e ainda, sentimentos de tolerância, que todos devemos respeitar as distinções de cada ser humano.

Com base nesse pressuposto Pereira (2009, p. 31) afirma que esse fenômeno é “[...] um comportamento ligado à agressividade física, verbal ou psicológica” que pelo fato de possuir várias formas de manifestação, há o perigo destas serem confundidas com outros comportamentos casuais”. As inúmeras manifestações do bullying mediante a comportamentos agressivos físicos, verbais e morais, ainda são interpretados como “inocentes brincadeiras de alunos” não sendo percebido com rigor necessário no cotidiano escolar. Como diz Chalita (2008, p.91) “[...] as brincadeiras e apelidos ofensivos deformam a alma de quem os carrega pela vida afora, como registro da desmoralização [...]”.

Diante disso, compreendemos que estas posturas impedem o desenvolvimento de ações no cotidiano escolar que possam minimizar os problemas de violência na instituição de ensino, uma vez que este é percebido como agressão e/ou indisciplina, necessitando de observação constante, em virtude das vítimas serem amedrontadas em espaços escolares com pouca ou então sem nenhum acompanhamento dos educadores (CHALITA, 2008).

Percebemos ainda nas respostas das professoras que embora reconheçam a existência do fenômeno bullying no cotidiano escolar, demonstram insegurança de como proceder a frente a estes casos, necessitando da “[...] cooperação de todos os envolvidos: alunos, professores, coordenadores e gestores” (FANTE, 2005, p. 98) para que em conjunto desenvolvam ações que proporcione uma ambiência educacional favorável a aprendizagem e a construção das relações interpessoais sadias.

Questionamos em relação a sua sala de aula se já identificaram algum caso de violência e se esta pode ser considerada atitudes de bullying. As docentes afirmaram existir atitudes agressivas na sala de aula identificadas como características típicas de bullying, como podemos perceber a seguir:

Percebo sim, atitudes típicas de bullying, a exemplo de brigas com chutes e empurrões e apelidos com alunos gordos e magros (P1, 2018).

[...] diversas vezes, deparamos com alunos agredindo com murros e apelidando colegas de burro, veado, baleia, magrelo, visto que são características da prática de bullying (P2, 2018).

[...] sim, e o mais recente que considero como bullying foi de discriminação sexual, onde um aluno estava sendo vítima de piadas, passando a ser chamado pelos colegas como “veado”, há também agressões físicas (P3, 2018).

Percebo sim, diariamente esbarramos com alunos agredindo outros com chutes, empurrões, apelidando aqueles considerados “fora do padrão social” aceito pela sociedade (P4, 2018).

Nas falas das docentes percebemos que atitudes de bullying estão presentes em seu cotidiano escolar, estas práticas nos levam a pensar que é preciso reconhecer que todos os espaços educativos podem ocorrer casos de bullying, assim, nenhum espaço educativo pode ser considerado “livre” das diversas manifestações de violência, contudo,

Os lugares como a escola, onde adultos e adolescentes interagem, enfrentam-se e perseguem objetivos, devem ser caracterizados como um clima educacional positivo e devem dar importância ao aspecto relacional, que tem um peso subjetivo, ou seja, um significado importante e reconhecível, especialmente para os jovens (MELO, 2010, p. 57).

O *bullying* sempre foi um algo assustador nas escolas - desenvolvendo-se por fatores internos e externos a ela -, nos dias atuais, encontra-se em maior evidência, necessitando-se assim, desenvolver ações que oportunize um clima saudável de aprendizagem para os alunos.

Os professores em sala de aula, dentro de suas possibilidades, precisam desenvolver uma postura de forma a reverter ou amenizar este cenário de violência atual, contudo, é função de toda a unidade escolar buscar meios favoráveis a redução desse fenômeno, valorizando as diversidades existentes e assegurando a igualdade de todos os indivíduos sem existir nenhum tipo de discriminação. Embora esta seja a prática adequada, nem sempre acontece. Deste modo, percebe-se que “[...] os professores não recebem uma formação adequada para evitar e controlar os comportamentos problemáticos ou agressivos dos jovens. Sua intervenção privilegiada, na maioria das vezes, limita-se à punição” (PEREIRA, 2009, p. 55).

Nas falas das professoras P2 e P3, percebemos que além da existência dos aspectos relacionados às agressões físicas e verbais entre alunos, existe também a discriminação social e, principalmente, a referente ao gênero. Tendo em vista que na sala de aula, estuda um aluno que é homossexual e os demais alunos não respeitam a sua orientação sexual, inferindo nele sentimento de rejeição e exclusão no cotidiano escolar. Conforme Freire (1996, p.17) “[...] faz parte igualmente do pensar certo a rejeição mais decidida a qualquer forma de discriminação. A prática preconceituosa de raça, de classe, de gênero ofende a substantividade do ser humano que nega radicalmente a democracia”. Devemos combater todas as formas de preconceito existente do espaço escolar, com posturas de aceitação pela escolhas do próximo.

Em virtude disso, se faz necessário repensar os caminhos nos quais os profissionais da

educação devem se basear para que não percorram o caminho da punição e do autoritarismo, contribuindo dessa forma, para uma educação permeada pela convivência pacífica com muito diálogo.

Ao perguntarmos sobre as atitudes pedagógicas que a professora e a escola utilizam para minimizar os casos de bullying existentes na instituição, as professoras preconizam que recorrem ao trabalho com projetos, palestras e o diálogo cotidianamente para coibir a prática do bullying nesse ambiente, como podemos observar:

Procuramos trabalhar com projetos de incentivo a não prática de bullying, como uma forma de envolver vítimas e agressores, nos ajuda a vencer os obstáculos cotidianamente (P1, 2018).

Buscamos sempre desenvolver atividades como projetos, palestras sobre o assunto, registrando relatos de bullying e suas conseqüências, nos ajuda bastante a lidar com o bullying (P2, 2018).

O trabalho com projetos tem sido o principal aliado para combater os problemas vivenciados no nosso cotidiano e tem surtido bastante efeito (P3, 2018)

Busco com o diálogo, mostrar a importância de conviver bem em sociedade, interagindo e compartilhando os mesmos espaços e oportunidades, sem ser necessário ofender e agredir o seu próximo (P4, 2018).

Nessa perspectiva, as professoras P1, P2 e P3 mencionam que para fortalecer a boa convivência e o combate as práticas do bullying desenvolvem atividades com o uso de projetos, visto que esse mecanismo é imprescindível para coibir com eficácia as práticas de bullying na escola, buscando educar crianças e jovens para a promoção de uma “[...] cultura de paz em nossas escolas. Promover a inclusão e a integração dos alunos às dimensões da paz pessoal, da paz com o outro e com o meio ambiente [...]” (FANTE, 2005, p.77).

As posturas tomadas diante dos casos de *bullying* devem ser pensadas e articuladas coletivamente com as práticas pedagógicas que são desenvolvidas em projetos nas escolas e, principalmente, nas salas de aula, buscando assim, uma intervenção em conjunto, vislumbrando a sensibilização da comunidade escolar.

Enquanto isso, a professora P4 traz a perspectiva do diálogo como estratégia para minimizar os conflitos na sala de aula, considera-se um meio eficaz para inibir as ações de violência no espaço escolar. Fante (2005, p.93) aponta que “[...] o diálogo, o respeito e as relações de cooperação precisam ser valorizados e assumidos por todos os envolvidos no processo educacional”. É interessante ressaltar, que as conversas contribuem significativamente para ultrapassar as barreiras impostas pelo bullying no espaço escolar,

oportunizando conhecer o perfil das vítimas e agressores, para se buscar estratégias eficazes a resolução dos problemas.

Fante (2005) menciona que não há meios simples para combater o fenômeno bullying, por ser um problema complexo e de causas diversas. É preciso que a escola desenvolva mecanismos próprios para a sua redução com a colaboração de toda a comunidade escolar.

Nesse sentido, é essencial que os profissionais da educação saibam fazer a distinção entre o bullying e outros tipos de violências, para que a escola e os professores desenvolvam um trabalho coletivo com um olhar particularizado para as possíveis posturas de bullying que se manifesta na sala de aula e nos demais espaços escolares.

Outro questionamento feito às professoras foi concernente às consequências do bullying para o processo de aprendizagem dos alunos, todas as entrevistadas relataram que esse fenômeno traz perdas enormes para a aprendizagem dos alunos, os quais se sentem desmotivados, afetando bruscamente seu rendimento escolar e, posteriormente, ocorrendo a desistência. Observamos assim, nas falas das professoras que:

Os alunos vítimas do bullying não participam da aula, são agressivos, perde o interesse em estudar (P1, 2018).

Os alunos vítimas de bullying tem medo de frequentar a escola, são agressivos e apresentam baixo rendimento escolar (P2, 2018).

São inúmeras as consequências do bullying para o processo de aprendizagem dos alunos vítimas dentre elas, destacamos a falta de atenção, revolta, baixo rendimento escolar, evasão escolar (P3, 2018).

O isolamento, o silêncio, marcas negativas na memória daqueles que são vítimas de bullying, requisitos dolorosos que são levados para o resto da vida dos estudantes e um possível descompasso no ritmo da aprendizagem (P4, 2018).

Constatamos que todas as professoras comungam de uma concepção similar no que tange as consequências do bullying na aprendizagem dos alunos. Apontando as condutas de bullying como sendo algo negativo que pode vim a prejudicar o desenvolvimento dos envolvidos na escola, provocando até a desistência pelos estudos. Em consonância com os apontamentos das professoras, Silva (2010, p. 25) destaca que “[...] a prática de bullying agrava o problema preexistente, assim como pode abrir quadros graves de transtornos psíquicos e/ou comportamentos que, muitas vezes, trazem prejuízos irreversíveis”.

Muitos são as implicações do bullying para os processos de ensinar e aprender, em virtude dos discentes perderem o interesse nos estudos, não encontrando motivação para continuar a estudar. Assim, essas posturas podem trazer danos na vida escolar aos indivíduos

envolvidos, tornando-os adultos com comportamentos antissociais e agressivos. Quando os casos são graves, podem até fazer com que a criança ou adolescente, desenvolvam alguns tipos de fobia em relação ao espaço escolar. Neste caso, Silva (2010) pontua que o medo de frequentar o espaço escolar pode vir a provocar repetências pela ausência na sala de aula, dificuldades na aprendizagem e, ainda, a total evasão escolar.

Quanto a esse aspecto, entendemos que:

O medo constante e repetitivo bloqueia a agressividade e o bom funcionamento mental, prejudicando as funções de raciocínio, abstração, interesse por si mesmo e pelo aprendizado, além de estender-se a outras faculdades mentais ligadas a autopercepção, concentração, auto-estima e capacidade de interiorização (FANTE, 2005, p.24).

É interessante verificar que as docentes enfatizaram as implicações do bullying somente para as vítimas, mas como sabemos os agressores e as testemunhas também sofrem com as interferências desta prática. Fato que se percebe com as palavras de Neto (2005, p.168) ao dizer que “[...] alvos, autores e testemunhas enfrentam consequências físicas e emocionais de curto e longo prazo, as quais podem causar dificuldades acadêmicas, sociais, emocionais [...]”.

Com base em tais prerrogativas, compreendemos que a escola precisa implantar em sua sistemática organizativa diversas formas que promovam efetivamente a aproximação dos pais/responsáveis dos alunos na escola, participação esta, “por meio de palestras, indicações de livros e filmes, divulgação de textos por e-mail, distribuição de cartilhas [...]” SILVA (2010, p.139).

Partindo dessas considerações compreendemos que a parceria entre família e escola desenvolve papel indispensável para uma educação de qualidade e a formação integral dos alunos. Sendo um desafio a unidade educativa fazer esta ponte entre família/escola. Visto que esta parceria auxilia os profissionais de educação conhecer as diversas realidades de seus alunos e garantir mediante esse envolvimento que os inúmeros problemas existentes que envolvem práticas de bullying venham a ser superadas sem prejuízos na aprendizagem da criança.

Os profissionais da educação precisam de atenção ao que se refere às mudanças de comportamento dos alunos, buscando conquistar a confiança destes para que desse modo, sintam-se a vontade para conversar ao que se refere às práticas de bullying - caso esteja sendo vítimas. Ao momento que se conhece condutas de violência dentro e fora do âmbito escolar, pode-se encontrar mecanismos favoráveis a orientação desses alunos, caminhando lado a lado

com estes para minimizar este problema que ocasiona danos irreparáveis ao desenvolvimento social e emocional dos envolvidos.

Dessa maneira, torna-se evidente a importância da escola e de seus profissionais procurarem desenvolver meios prudentes para enfrentar a prática do bullying, otimizando os processos de ensino e aprendizagem, bem como favorecer a construção das relações interpessoais pautadas pelo respeito ao outro.

Por fim, perguntamos se em sua concepção, os profissionais da educação estão preparados para enfrentar o bullying, todas as entrevistadas reconheceram a ausência de auxílio para o enfrentamento deste fenômeno.

Não, pelo fato de a secretaria municipal de educação não oferecer nenhuma formação para lidar com as posturas de bullying, ficamos um pouco sem saber como proceder diante dos casos de bullying que nos deparamos constantemente (P1, 2018).

De certa forma não, nos falta do subsídios para lidar com o fenômeno, deixando-nos meio perdidos de como minimizar condutas dessa espécie (P2, 2018).

Acredito que sim, basta planejar, investigar, e pedir ajuda de toda a comunidade escolar, mesmo sem um programa de formação que seria de apoio para nos docentes saber identificar melhor os sintomas e para agir da forma prudente (P3, 2018).

Devemos está, pois lidamos com essa prática constantemente e precisamos está preparados tanto profissional quanto pessoal e como nós professores somos os que convive mais com os alunos, então temos que está atentos aos sinais de bullying (P4, 2018).

Nesse aspecto, podemos entender que o bullying é uma prática violenta e corriqueira nas escolas, que por vezes, os profissionais de ensino desconhecem os atos perversos, permanecendo indiferentes aos problemas por acreditar serem apenas “brincadeiras de crianças”.

Nessa questão, notamos as divergências entre as concepções das professoras. P1 e P2 declaram que não recebem apoio do órgão educacional do município para o combate de ações violentas no espaço educativo. Desta forma, podemos relacionar aos efeitos problematizastes da ausência de formação adequada aos profissionais da educação em lidar com o bullying no cotidiano escolar, em que demonstra a limitação da atuação dos órgãos educacionais em fornecer aos docentes capacitações para o enfrentamento do bullying.

Freire (1996) discute que, a formação continuada, oportuniza aos educadores renovar os seus conhecimentos, e conseqüentemente vim a construir saberes relevante à prática

educativa e as necessidades dos discentes.

Assim, fica evidente o quão é relevante que os profissionais de ensino sejam capacitados para atuar diante das situações de bullying, quando estão preparados podem identificar os focos da violência e posteriormente interferir de forma pertinente nas condutas violentas, influenciando positivamente a aprendizagem dos alunos.

Enquanto que, P3 e P4 apontam que com planejamento e apoio dos membros da escola é possível vencer as amarras impostas pelo bullying no cotidiano escolar e, ainda como profissionais da educação, necessitam articular, dentro de suas possibilidades, para identificar e minimizar as incidências das práticas violentas que venha a surgir.

Entendemos que a escola, deve ter o propósito de trabalhar com todos os membros da escola projetos, cursos, oficinas, entre outros mecanismos, que contribuam para o combate ao bullying, a fim de amenizar as implicações deste fenômeno. Somente assim, será possível melhorar os processos de ensino e aprendizagem e a convivência entre todos.

As entrevistas com as professoras foram imprescindíveis para a compreensão dos malefícios do bullying no contexto escolas. Nas análises compreendemos que, os conflitos do bullying precisam ser vencidos com urgência, a fim de proteger vítimas, agressores e expectadores. E que o âmbito escolar busque novos caminhos para os processos de ensino e aprendizagem, propiciando aos alunos um ambiente saudável, sem a existência de atos violentos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa intitulada “As influências do bullying escolar frente aos processos de ensinar e aprender nos Anos Finais do Ensino Fundamental”, abordando estudos que pudessem oportunizar a discussão referente aos impactos negativos proporcionados pelo bullying para os processos de ensino e aprendizagem no âmbito escolar.

Apesar de a literatura apontar alguns conflitos envolvendo a prática do bullying, observamos os elementos problemáticos desse fenômeno que aparece nitidamente na fala das professoras, a exemplo das agressões físicas e/ou morais, sendo esta prática uma realidade impactante no espaço escolar e ao mesmo tempo pouca conhecida nos espaços tanto públicos quanto particulares, necessitando de uma atenção maior por parte de toda a comunidade educativa, por ser um tipo de violência, que está presente em todos os contextos sociais.

Compreendendo que na sociedade contemporânea são muitos os impasses que interferem na melhoria do ato educativo, a prática do bullying infere diretamente na aprendizagem dos alunos, em especial nas vítimas, uma vez que estas se sentem desmotivadas a frequentar e permanecer na sala de aula, estando vulneráveis as agressividades, ao isolamento e, ainda, são propensos a desenvolver possíveis transtornos emocionais, cognitivo, social e afetivo, tornando-se os mais prejudicados.

Mediante a revisão literária podemos afirmar que os casos de bullying podem transcender para situações graves de transtornos psíquicos e/ou comportamentos com malefícios irreparáveis.

Ao que tange a função do educador nesse mal que está presente nas escolas, é primordial com práticas promovidas diariamente para que sejam identificadas o bullying institucional e os possíveis envolvidos. Para que desse modo, possam construir estratégias e projetos educativos para minimizar ações desumanas, disseminando nessa ambiência valores e atitudes pautadas em princípios morais e éticos.

Outro importante aspecto observado, tanto na literatura como nas entrevistas, foi da premência em desenvolver atividades que contemple a construção de um espaço escolar acolhedor as diversidades existentes nesse ambiente, buscando em seu cotidiano, evitar condutas perversas como o bullying que provoca empecilhos aos envolvidos.

Observamos, também, que por mais que as entidades de ensino desenvolvam propostas de combate e prevenção do bullying, se não existir efetivamente o envolvimento de todos os membros que compõe a unidade escolar, estará propenso a vim a fracassar. Notamos que a parceria educativa fortalece a obtenção de êxito para os processos de ensino e

aprendizagem, com ações benéficas para o sucesso escolar, uma vez que a parceria entre família e escola ajuda a detectar entraves no rendimento escolar, galgando novas estratégias para melhorar o nível de aprendizado.

Nas falas das entrevistadas percebeu-se que conhecem a pertinência do tema nos dias atuais, sabem identificar as práticas de bullying na sala de aula. No entanto, denotam a eminência de conhecer melhor o fenômeno do bullying, por ainda encontrarem dificuldades em lidar com o problema, para que se torne possível reconhecer as características de todos envolvidos e possam contribuir de forma significativa para a minimização deste problema, investindo dessa maneira, num espaço escolar, que tenha como pressuposto a construção de uma cultura de paz, combatendo as exclusões sociais, lutando pelo respeito aos direitos a cidadania, com isso, almejando-se novos caminhos para a educação.

No decorrer das análises, é evidente os desafios que os docentes passam em relação ao bullying, em suas afirmativas as entrevistadas manifestam a necessidade da unidade escolar realizar investimento em programas e projetos que possam surtir efeitos eficazes diante da prática do bullying, permitindo este espaço à criança aprender a socializar-se, desenvolver responsabilidades e se construir com o outro enquanto pessoa.

Contata-se também, que existe a necessidade dos profissionais da educação ter uma formação continuada para desenvolverem estudos que corrobore para o combate das atitudes violentas que são determinantes na aprendizagem dos discentes.

O estudo em questão permitiu refletir a nossa responsabilidade enquanto educadores, ao que concerne desenvolver práticas pedagógicas favoráveis ao processo de aprendizagem significativo em um ambiente saudável para nossos alunos, tendo por base o respeito, a amizade, o diálogo, a solidariedade e a cooperação. Compreendemos ser viável encontrar mecanismos capazes de ressignificar as relações humanas, sejam estas no espaço escolar ou no meio social.

A pesquisa possibilitou reconhecer que a temática do bullying necessita ser discutida e refletida em todas as escolas, de forma a sanar a disseminação destas ações cruéis. A escola quando norteia-se por meio de projetos e programas devidamente estruturados, tende a ocorrer um progresso expressivo para eliminar atitudes violentas. Nesse sentido, ter posicionamento acolhedor para com as vítimas e agressores é essencial, em virtude de todos sofrerem efeitos negativos do bullying, obviamente que uns com mais intensidade do que outros, mas todos são apenas vítimas das circunstâncias culturais, escolar, familiar, entre outros elementos.

Por tudo que foi exposto no trabalho, conclui-se que é de incumbência da família, escola e dos órgãos públicos desempenharem com êxito as funções que lhe são concedidas,

buscando garantir os direitos das crianças/adolescentes garantidos pela legislação brasileira, que muitas das vezes são violadas com atitudes violentas inseridas no cotidiano escolar. É precípuo pontuar que o âmbito educativo não é capaz sozinho de superar o fenômeno bullying, porém, com o auxílio das políticas públicas cumprindo seu papel, podemos contribuir para vencermos as barreiras impostas pela violência na escola, vindo a melhorar os processos de ensino e aprendizagem.

O bullying não é brincadeira, são atitudes monstruosas que destroem silenciosamente os sonhos a serem conquistados futuramente pelas vítimas. Devemos coibir estas manifestações no âmbito escolar e propagar, em vez de atitudes violentas, tolerância, colaboração e uma cultura de paz. Para que atitudes eficientes sejam estabelecidas em prol da vida escolar e social dos discentes.

REFERÊNCIAS

ABRAPIA. **Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência.** Disponível em http://www.abrapia.org.br/homepage/programas/programas_desenvolvidos.html. Acesso em: 18 de Novembro de 2017.

ABRAMOVAY, M.; RUA, M. G. **Violências nas escolas.** Brasília: Pitágoras Unesco, 2003.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo.** Lisboa: Edições 70, 1977.

BRASIL. **Constituição da República Federativa.** 5 de outubro de 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constitui%C3%A7ao.htm. Acesso em: 01/09/2017.

_____. **Convenção sobre os Direitos da Criança.** 20 de novembro de 1989. Disponível em: https://www.unicef.pt/docs/pdf_publicacoes/convencao_direitos_crianca2004.pdf. Acesso em: 01/09/2017.

_____. **Estatuto da Criança e do adolescente.** 13 de julho de 1990. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/jped/v81n5s0/v81n5Sa06.pdf>. Acesso em: 01/09/2017.

_____. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação.** Lei nº 9424, de dezembro de 1996.

_____. **Lei Nº 13.663,** de 14 de Maio de 2018. Presidência da República: casa civil. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2018/lei/L13663.htm. Acesso em: 30 de Maio de 2018.

CABRAL, G. **Cyberbullying.** Disponível em: <http://www.brasilecola.com/sociologia/cyberbullying.htm>. Acesso em: 21 de Setembro de 2017.

CALHAU, L. B. **Bullying:** o que você precisa saber: identificação, prevenção e repressão. Niteroi: Impetus, 2009.

CAMARGO, O. **Bullying.** *Brasil Escola*, 2010. Disponível em <https://brasilecola.uol.com.br/sociologia/bullying.htm>. Acesso em: 02 de maio de 2018.

CANDAU, V. M.; LUCINDA, M. C.; NASCIMENTO, M. G. **Escola e violência.** Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

CERVO, A.L.; BERVIAN, P. A.; SILVA, R. **Metodologia Científica.** 6 ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

CHALITA, G. **Pedagogia da amizade - bullying:** o sofrimento das vitimas e dos agressores. São Paulo: Editora Gente, 2008.

CONSTANTINI, A. **Bullying:** como combatê-lo? prevenir e enfrentar a violência entre jovens. São Paulo: Itália Nova, 2004.

CRESWELL, J. W. **Projeto de Pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

DEMO, P. **Metodologia do conhecimento científico**. São Paulo: Atlas, 2000.

ELIAS, M. A. **Violência escolar: caminhos para compreender e enfrentar o problema**. 1 ed. São Paulo: Ática Educadores, 2011.

FANTE, C. **Fenômeno bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz**. Campinas: Verus Editora, 2005.

_____. **Fenômeno bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz**. 7. ed. Campinas: Verus, 2012.

FANTE, C. & PEDRA, J. A. **Bullying escolar: perguntas & respostas**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

FERNANDES, A. **O saber em jogo**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

FERNANDEZ, A. Agressividade: qual teu papel na aprendizagem?. In: GROSSI, Ester Pillar org. **Paixão de Aprender**. Petrópolis: Vozes, 1992.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. 7ª edição. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FRESCHI, E. M. & FRESCHI, M. Relações interpessoais: a construção do espaço artesanal no ambiente escolar. **REI- Revista de Educação do Ideau**. Vol. 8 – Nº 18 - Julho - Dezembro 2013.Semestral.

GALVÃO, A (Org). **Violências escolares: implicações para a gestão e o currículo**. **Revista Scientific Electronic Library**. Rio de Janeiro, vol.18, 2010.

GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

_____. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GODOY, A. S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **RAE Revista de Administração de Empresas**. São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, 1995.

GONZÁLEZ, R. F. **La investigación cualitativa em psicologia: rumbos y desafíos**. São Paulo: EDUC.1999.

GUARESCHI, P.A. (et.al) **Bullying mais sério do que se imagina**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

GÜNTHER, H. Pesquisa Qualitativa Versus Pesquisa Quantitativa: Esta É a Questão? In: **Psicologia: Teoria e Pesquisa**. Mai-Ago 2006, Vol. 22 n. 2, pp. 201-210.

HESS, A. R. B.; LISBOA, C. S. M. **Bullying**: Um estudo sobre papéis sociais, ansiedade e depressão no contexto escolar. Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, Brasil, 2010. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069.htm>. Acesso em: 01 de setembro de 2017.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos metodologia científica**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2001.

LIMA, C. C. **Bullying na percepção da equipe técnica das escolas estaduais de Criciúma**. INTERLINK - v. 2, n.2, jul/dez de 2011. Disponível em: <http://187.45.244.77/ojs-2.4.6/index.php/InterLink/article/view/18>>. Acesso em: 12 de setembro de 2017.

MELO, J. A. **Bullying na escola**: como identificá-lo, como previni-lo, como combatê-lo. Recife: EDUPE, 2010. 128p.

MEOTTI, J. P.; PERÍCOLE, M. A postura do professor diante do *Bullying* em sala de aula. **Revista Panorâmica on-line**. Barra do Garças. MT, vol.15, dez. 2013. ISSN – 2238-921-0. Disponível em: <http://revistas.cua.ufmt.br/index.php/revistapanoramica/article/view/518/155>. Acesso em: 26 de Outubro de 2017.

MIDDELTON-MOZ, J.; ZAWADSKI, M. L. **Bullying**: Estratégias de Sobrevivência para Crianças e Adultos. Porto Alegre: Artmed, 2007.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento**: Pesquisa qualitativa em Saúde. Rio de Janeiro: HUCITEC-ABRASCO, 2010.

MOREIRA, H; CALEFFE, L. G. Classificação da pesquisa. In.:_____. **Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. p. 69-93.

NETO, A. A. L. **Bullying**: comportamento agressivo entre estudantes. *Jornal de Pediatria*, v 81, n. 5 (supl.), p. S164-S172. 2005.

NOGUEIRA, R. M. C. P. A. **Violência nas escolas e juventude**: um estudo sobre o bullying escolar. São Paulo, 2007. Tese (Doutorado em educação: História, Política e Sociedade) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Disponível em: http://www.sapientia.pucsp.br/tde_busca/arquivo.php?cod_Arquivo=5084. Acesso em: 01 de novembro de 2017.

_____. A prática de violência entre pares: o bullying nas escolas. **Revista Iberoamericana de Educación**, n. 37, p. 93-102, 2005. Disponível em: <<http://www.rieoei.org/rie37a04.htm>>. Acesso em: 01 de setembro de 2017.

OLIBONI, S. P. **O Bullying como violência velada**: A Percepção e ação dos professores. 2008. 109p. Dissertação (Mestrado) – Programa de pós graduação em educação ambiental – Fundação Universidade Federal do Rio Grande – FURG, Rio Grande do Sul, Rio Grande, 2008.

OLIVEIRA, M. M. **Como fazer pesquisa qualitativa**. 3. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

PEREIRA, B. O. **Para uma Escola sem Violência**. Estudo e Prevenção das Práticas Agressivas entre Crianças. Porto: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002.

PEREIRA, S. M. S. **Bullying e suas implicações no ambiente escolar**. São Paulo: Paulos, 2009.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

RAMOS, A. L. M., BARBOSA, A. E. S. **Bullying: um obstáculo na vida e na aprendizagem**. ECCOM, v. 3, n. 5, jan./jun. 2012. Disponível em: <http://publicacoes.fatea.br/index.php/eccom/article/viewFile/481/328> Acesso em: 12 de setembro de 2017.

RESENDE, P. **Adolescente suspeito de matar a tiros dois colegas sofria bullying, diz estudante**, 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/Goiás/noticia/adolescente-suspeito-de-matar-a-tiros-dois-colegas-sofria-bullying-diz-estudante.ghtml>. Acesso em: 06 de abril de 2018.

ROLIN, M. F. **Bullying: o pesadelo da escola: um estudo de caso e notas sobre o que fazer**. 2008. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2008.

ROSA, M. J. A. Violência no ambiente escolar: refletindo sobre as consequências para o processo ensino aprendizagem. **Revista Fórum: identidades**. Itabaiana: GEPIADDE, Ano 4, Volume 8. jul-dez de 2010.

SERRA, P. **Atirador de Realengo confessa em novo vídeo que bullying motivou o ataque**, 2011. Disponível em: <http://extra.globo.com/casos-de-policia/atirador-de-realengo-confessa-em-novo-video-que-bullying-motivou-massacre-1600031.html>: Acesso em: 06 de abril de 2018.

SILVA, A. B. B. **Bullying: mentes perigosas nas escolas**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

SILVA, G. J. Bullying: quando a escola não é um paraíso. **Revista Mundo Jovem**. Porto Alegre, n.365,p.2-3,2006.

SILVA, N. R. **Relações sociais para superação da violência escolar e processos formativos de professores**. 297 f. Tese (Doutorado em Educação: Psicologia da Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo: PUC- São Paulo, 2006.

SOUZA, R. S. R. Violência: um problema com solução. **AMAE educando - 374**. Setembro, 2010, p. 8-13.

SPOSITO, M. P. A. **Instituição escolar e a violência**. Cadernos de pesquisa, São Paulo, v. 104, p. 58-75, 1998.

SPOSITO, M. P. A instituição escolar e a violência. In: CARVALHO, J. S. **Educação, Cidadania e Direitos Humanos**. Petrópolis: Vozes, 2004.

TEIXEIRA, C. R. Organização do trabalho pedagógico: um desafio para atender as emergências do ensinar e aprender. In: TEIXEIRA, Célia Regina; SCHWANTES, Rosileny Alves dos Santos. (Org.). **Organização do Trabalho Pedagógico**: múltiplos olhares. São Leopoldo: Oikos Editora, 2011, v. 1.

APÊNDICE



Universidade Federal
de Campina Grande

Centro de Formação de Professores
Unidade Acadêmica de Educação
Campus de Cajazeiras - PB



APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTAS

DADOS PARA CONTATO COM A PESQUISADORA:

Nome: Francineide Braga Bezerra

Instituição: Universidade Federal de Campina Grande - UFCG

Endereço: Sítio Cafundó, S/N.Nazarezinho – PB.

Telefone: (83) 981379858

Email: francineide232@gmail.com

ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA PARA PROFESSORES

I DADOS SOCIO-FORMATIVOS

1.1 Socioculturais

GÊNERO

- Masculino
 Feminino

IDADE

- 20 – 25 Anos
 26 – 31 Anos
 32 – 36 Anos
 Acima De 37

ATUAÇÃO NO MAGISTÉRIO

- Educação Infantil
 Educação Básica
 Ensino Médio
 Ensino Superior

1.2 Formação

ENSINO MÉDIO

- Escola Pública
 Escola Privada

ENSINO SUPERIOR

- Licenciatura
 Bacharelado

Curso: _____

PÓS-GRADUAÇÃO

- Especialização
 Mestrado
 Doutorado

II CONHECIMENTOS ACERCA DO BULLYING NO ESPAÇO ESCOLAR

2.1 O que você compreende acerca do fenômeno bullying?

2.2 Quais os tipos de bullying que ocorrem no cotidiano escolar?

2.3 Em sua sala de aula já identificou algum caso de violência e esta pode ser considerada atitudes de bullying?

2.4 Que atitudes pedagógicas você e a escola utilizam para minimizar os casos de bullying existentes na instituição?

2.5 Quais as consequências do bullying para o processo de aprendizagem dos discentes?

2.6 Em sua concepção, os profissionais da educação estão preparados para enfrentar o bullying?

ANEXOS



Universidade Federal
de Campina Grande

Centro de Formação de Professores
Unidade Acadêmica de Educação
Campus de Cajazeiras - PB



ANEXO A - TERMO DE ANUÊNCIA

Eu, _____,
diretor(a) _____ da _____ Escola
_____, declaro estar
ciente _____ do _____ estudo _____ intitulado
_____, desenvolvido por
_____,
_____, aluno(a) do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal
de Campina Grande, sob a orientação do Prof. Me. Danilo de Sousa Cezário, ao tempo em que
afirmo concordar com a realização de entrevistas com _____ professores(as) deste
estabelecimento de ensino, como parte da pesquisa relacionada ao referido estudo.

_____ – PB, ____ de _____ de 2018

Diretor(a) Escolar



Universidade Federal
de Campina Grande

Centro de Formação de Professores
Unidade Acadêmica de Educação
Campus de Cajazeiras - PB



ANEXO B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Bom dia (boa tarde ou noite), meu nome é _____, sou aluna(o) do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Campina Grande e o/a Sr.(a) está sendo convidado(a), como voluntário(a), a participar da pesquisa intitulada _____.

JUSTIFICATIVA, OBJETIVOS E PROCEDIMENTOS: As intenções e motivações desse estudo deve-se ressaltar a necessária e devida contribuição da Universidade Pública na contínua referencialização do ensino superior por intermédio da indissociabilidade entre ensino e pesquisa, nesse caso, desdobradas nas frentes de trabalho da iniciação científica. O objetivo dessa pesquisa é _____.

O (Os) dado(s) serão coletados da seguinte forma: o/a Sr.(a) irá participar de uma entrevista, estruturada em um roteiro, que aborda pontos relacionados ao modo que _____.

DESCONFORTOS, RISCOS E BENEFÍCIOS: Embora eu tenha o máximo de cuidado para com seu bem-estar é possível um eventual desconforto com as questões a lhe serem perguntadas ou, até mesmo, uma compreensão de sua parte de possível má interpretação de dados de minha parte. Entretanto, em todas as etapas dessa pesquisa, serão depreendidos todos os esforços possíveis para evitar riscos tais quais: constrangimentos, má interpretações nas análises e para com conclusões que não correspondam proporcionalmente a sua compreensão da dinâmica de trabalho em relação ao meu objeto de estudos. Como uma das garantias, sua confidencialidade será assegurada o seu anonimato, via letra inicial de sua profissão e número para sua identificação e indicar a sequencia dos sujeitos desse estudo e os dados revelados aqui serão tratados com absolutos padrões éticos, conforme Resolução CNS 466/12.

FORMA DE ACOMPANHAMENTO E ASSINTÊNCIA: A participação do/da Sr.(a) nessa pesquisa não implica necessidade de acompanhamento e/ou assistência posterior, tendo em vista que a presente pesquisa não tem a finalidade de realizar diagnóstico específico para o/a senhor/a, e sim identificar fatores gerais da população estudada. Além disso, como no roteiro de entrevista não há dados específicos de identificação do/da Sr.(a), a exemplo de

nome, CPF, RG, outros, não será possível identificá-lo/a posteriormente de forma individualizada.

GARANTIA DE ESCLARECIMENTO, LIBERDADE DE RECUSA E GARANTIA DE SIGILO: O/A Sr.(a) será esclarecido(a) sobre a pesquisa em qualquer aspecto que desejar. O/A Sr.(a) é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade ou perda de prestação de serviços. Os/As pesquisadores/pesquisadoras irão tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Os resultados da pesquisa permanecerão confidenciais podendo ser utilizados apenas para a execução dessa pesquisa. O/A Sr (a) não será citado(a) nominalmente ou por qualquer outro meio, que o identifique individualmente, em nenhuma publicação que possa resultar deste estudo. Uma cópia deste consentimento informado, assinada pelo Sr.(a) na última folha e rubricado nas demais, ficará sob a responsabilidade do pesquisador responsável e outra será fornecida ao/a Sr.(a).

CUSTOS DA PARTICIPAÇÃO, RESSARCIMENTO E INDENIZAÇÃO POR EVENTUAIS DANOS: A participação no estudo não acarretará custos para o/a Sr.(a) e não será disponível nenhuma compensação financeira adicional. Não é previsível dano decorrente dessa pesquisa ao/a Sr.(a), e caso haja algum, não há nenhum tipo de indenização prevista.

Declaro que concordo em participar desse estudo. Recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer todas as minhas dúvidas.

_____	_____	____/____/____
Nome	Assinatura do Participante da Pesquisa	Data
_____	_____	____/____/____
Nome	Assinatura do Pesquisador	Data